



CRB

Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- A Vida Religiosa nos dias atuais
- O Vaticano II redescobre a pérola evangélica
- A longevidade e o senso de valia
- A opção ecumênica do Vaticano II
- Missão na Amazônia peruana

Sumário

Editorial

É bom estarmos juntos! 1

Mensagem

A Vida Religiosa nos tempos atuais 5

Informes

A missão das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor junto às mulheres em situação de prostituição 16

Os caminhos da missão na Amazônia peruana 21

A missão das Irmãs Marcelinas junto aos doentes em Porto Velho 27

Irmãs Mercedárias da Caridade unificam suas Províncias 29

A capa da Convergência 2013 33

Arte e Cultura

A sociedade do espetáculo 34

Artigos

O Vaticano II redescobre a preciosa *pérola evangélica*: a vida doada à *perfeita caridade*
CARLOS JOSAPHAT 41

Pastoral, teologia e Vida Religiosa. Testemunho e breves reflexões
AFONSO MURAD 57

A longevidade e o senso de valia
ALFREDO CRESTANI 73

A opção ecumênica do Vaticano II
ELIAS WOLFF 86



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitório, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:

Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não representam necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2013: Brasil: R\$ 89,00
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

O nosso Cadastro Informatizado de Assinantes mudou, e mudou para melhor! A partir de agora, assinaturas novas, bem como renovação de assinaturas, podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site crbnacional.org.br, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- O método tradicional (depósito direto na conta da CRB Nacional) continua valendo, mas é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail!

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br

ou pelo telefone (61) 3226-5540.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).

Com o nosso fraterno abraço,

Pe. Plutarco Almeida, sj

É bom estarmos juntos!

1

EDITORIAL

Ano Novo, vida nova!

Estamos chegando até você com a primeira edição de 2013. Nosso sentimento é de alegria e gratidão porque temos certeza de que iremos caminhar mais um ano juntos! Como se trata de edição dupla, a revista também traz um número maior de matérias. Quem sabe durante as férias que muitos(as) Religiosos(as) curtem no início de cada ano a *Convergência* não possa ser uma companhia agradável? E até mesmo ao longo dos retiros, também comuns nesta época, a revista certamente poderá ter seu lugar.

Muito bem! Começamos com a mensagem do Cardeal Braz de Aviz, “A Vida Religiosa nos dias atuais”, fruto de sua palestra na abertura do Encontro Nacional de Vida Monástica e Contemplativa, em Aparecida, de 16 a 19 de junho de 2012. Dom João faz uma espécie de balanço da Vida Religiosa Consagrada e lança também alguns questionamentos importantes, algo que deveria ser refletido por todas as pessoas consagradas e suas respectivas comunidades. Ele fala de dois grandes desafios:

Em primeiro lugar, é necessário voltar com decisão ao *carisma fundante*, para acolher e viver o essencial deste seu *carisma*. Se uma Congregação há de utilizar ou não o hábito, pode ser um assunto importante, porém não tanto como deixar de fazer aquilo que o Fundador ou a Fundadora propôs como assunto transcendental da vida de sua família religiosa. Isto, sim, seria perigoso. Os Fundadores não perdem vigência jamais. [...]

Em segundo lugar, somos convidados a ser mais sensíveis às características da cultura atual. Se não dialogamos constantemente com a ótica das mulheres e dos homens de hoje, corremos o risco de ter um tesouro e não saber como oferecê-lo. [...]

Em 2013, continuaremos a publicar na seção “Informes” algumas experiências pastorais interessantes que estão sendo feitas pela Vida Religiosa Consagrada Brasil afora. Ao fazer isso, a *Convergência* deseja não apenas prestigiar as Congregações e Institutos que estão atuando nas fronteiras novas e/ou antigas, mas, sobretudo, partilhar a riqueza desses trabalhos, na esperança de que eles possam servir de incentivo para outros(as) Religiosos(as) também.

Começamos, então, com “A missão das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor junto às mulheres em situação de prostituição”. Belíssimo trabalho, sem dúvida! “Os caminhos da missão na Amazônia peruana” é o segundo relato. Trata-se de uma experiência pastoral muito forte, vivida pelas Irmãs Catequistas Franciscanas, e quem nos conta é Terezinha Maria Dalcegio, Religiosa dessa Congregação. O terceiro informe nos chega também da Amazônia. As Irmãs Marcelinas relatam alguns pontos importantes do seu trabalho junto aos doentes mais abandonados em Porto Velho-RO. No quarto informe, Irmã Barbara Bucker nos conta que as “Irmãs Mercedárias da Caridade unificam suas Províncias”.

A seção “Arte & Cultura” traz um tema bastante provocativo: “A sociedade do espetáculo”. O assunto pode parecer um tanto quanto alheio à Vida Religiosa, mas, na verdade, nenhum de nós está livre dos tentáculos poderosos dessa cultura *popstar* que nos cerca, absorve e, às vezes, até nos sufoca. Então, a consciência de tal perigo deveria ser algo bem presente não apenas nas etapas da formação para a Vida Religiosa Consagrada, mas também ao longo da caminhada de toda pessoa consagrada. Assim é que,

diante dos apelos lançados por essa cultura, que molda a sociedade atual, a Vida Religiosa Consagrada é chamada a reafirmar o seu projeto de vida. Isto significa remar contra a correnteza, bes aduém du

Murad, fms, membro da Equipe de Reflexão Teológica da CRB Nacional. Ao falar de sua experiência pessoal, passando pela formação até hoje, Murad lança uma reflexão que pode ajudar a Vida Religiosa a viver melhor a sua vocação nos dias atuais. É, ao mesmo tempo, uma lição de vida e uma *pílula de otimismo* para quem está desanimado(a).

Outro Irmão Marista, Alfredo Crestani, de Porto Alegre, retoma, nas páginas da *Convergência*, um assunto extremamente atual e importante, ou seja, a questão do envelhecimento. Não é novidade para ninguém que o número de Religiosos(as) idosos(as) em nossas casas está aumentando cada vez mais. Refletir sobre o tema é algo que não se pode mais protelar. Encontrar caminhos no sentido de proporcionar a esses Irmãos e Irmãs uma vida minimamente saudável é tarefa das mais urgentes. Esperamos, assim, que o artigo “A longevidade e o senso de valia” sirva de subsídio para as comunidades, de modo particular aquelas que ainda não sabem bem o que fazer com essas pessoas que doaram as suas vidas em favor do Reino e agora, mais do que nunca, merecem todo o nosso carinho e atenção.

Fim de papo!

Só nos resta, agora, desejar

Boa leitura!

Bom proveito!

Boas férias para quem já está ou ainda vai sair!

E não se esqueça de renovar a sua assinatura, caso ainda não o tenha feito!

Aquele abraço!

PADRE PLUTARCO ALMEIDA, SJ

A Vida Religiosa nos tempos atuais

CARDEAL JOÃO BRAZ DE AVIZ*

Horizonte inspirador

Sempre que falamos da Vida Religiosa temos a felicidade de poder orientar-nos por alguns documentos que consideramos importantes e são nossos instrumentos de cabeceira. A *Lumen Gentium*, do Vaticano II, nos apresenta *la misión* da Igreja que devemos ajudar a construir. Na *Lumen Gentium* se afirma, com clareza, que a missão da Igreja, Povo de Deus, nos faz voltar ao nosso batismo, nos faz compreender a Igreja, a partir da nossa filiação divina e da fraternidade entre todos os seus membros. Trata-se de uma visão iluminada, que devemos ajudar a construir porque, muitas vezes, não se materializa em toda a sua força e porque sabemos que existem tendências que, talvez, não estarão necessariamente nessa direção. Gostaria de insistir na ideia de que o Concílio Vaticano II não é um acontecimento encerrado. Pelo contrário, ainda não compreendemos o Concílio nem o vivemos suficientemente. Seu espírito continua nos iluminando. Essa constituição dogmática tem muito a dizer-nos ainda hoje. Todavia, seria muito oportuno refletir sobre o caminho latino-americano que estamos realizando, hoje, desde as motivações fundamentais do Concílio. Outros documentos a levar em consideração, na mesma direção, são a *Perfectae Caritatis*, assim como *Vita Consecrata*, que tampouco temos chegado a aprofundar suficientemente. Esta última é fruto do Sínodo de 1996, portanto com dezesseis anos. Há outros documentos especializados, que têm surgido na Congregação, de grande ajuda para compreender o carisma da Vida

* Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.

Consagrada. Esse caudal é sempre um ponto de referência básico em nível universal e inspira também nossa reflexão.

Dois grandes desafios

Pensando na Vida Religiosa Consagrada hoje, abordarei primeiro dois desafios de um modo sintético, claramente incompleto, porém relevante para a Vida Consagrada. São pontos que não podemos deixar de lado ou esquecidos em nossa vida, ao contrário, precisam ser retomados com carinho, como assuntos de família.

Volta ao carisma fundador

Em primeiro lugar, é necessário voltar com decisão ao *carisma fundante*, para acolher e viver o essencial deste seu *carisma*. Se uma Congregação há de utilizar ou não o hábito, pode ser um assunto importante, porém não tanto como deixar de fazer aquilo que o Fundador ou a Fundadora propôs como assunto transcendental da vida de sua família religiosa. Isto, sim, seria perigoso. Os Fundadores não perdem vigência jamais. Pode não existir a família religiosa, mas seu aporte fundacional não desaparece. Seu *carisma* continuará para sempre enriquecendo a vida da Igreja. Por esse motivo, é preciso retornar às fontes para entender bem o que é que o Fundador ou a Fundadora experimentou, qual foi a luz que sentiu em seu coração e que segue como proposta para os dias de hoje.

Diálogo com a cultura contemporânea

Em segundo lugar, somos convidados a ser mais sensíveis às características da cultura atual. Se não dialogamos constantemente com a ótica das mulheres e dos homens de hoje, corremos o risco de ter um tesouro e não saber como oferecê-lo. É verdadeiramente trágico ter um tesouro que não se pode compartilhar. Para isso, é imprescindível entrar na sensibilidade e na dinâmica da cultura atual. O Deus

da Bíblia não fala em abstrato, mas a pessoas e a realidades concretas. Deus fala a Abraão, a Moisés, aos profetas, aos reis, aos juízes. Ele lhes fala desde o seu momento histórico concreto: em toda circunstância, seja de vitória, seja de dificuldade. Sempre há uma Palavra de Deus dita para cada tempo. Deus não se cala! Isso não podemos esquecer jamais.

Devemos nos perguntar sempre: qual é, hoje, o modo adequado de expressar e comunicar com Deus? Somos pessoas consagradas, pessoas que escutam a Deus nos(as) nossos(as) Fundadores(as), mas o escutamos também no homem e na mulher de hoje, ainda que eles e elas não pensem igual a nós em tudo. O próprio *carisma* é uma Palavra de Deus encarnada em nossa história, não temos a menor dúvida. Examinando as histórias das nossas Ordens e Congregações, podemos sentir-nos encantados pelo volume de amor, de caridade e de misericórdia que se difundiu por todo o mundo, com uma dedicação, às vezes, até a morte, no risco da própria vida. E tudo isso porque foram pessoas que sabiam que levavam ao mundo uma verdade profunda, a Palavra de Deus encarnada, e a souberam comunicar às mulheres e aos homens do seu tempo. O *carisma* não é somente um bem de e para a sua Congregação, mas para toda a Igreja e para o mundo. Essas pessoas souberam, de fato, dar uma resposta adequada aos sinais dos tempos. Toca-nos, agora, fazê-lo também.

a) Nesta direção, é necessário não fazer comparações com os *carismas* novos. Amá-los sim, porque o Espírito de Deus não é mesquinho nem contraditório. O Espírito de Deus é transparente, abundante, e sempre está trabalhando; nós não sabemos exatamente por onde vai o seu alento de vida. Por isso, devemos ter uma atitude de escuta e discernimento também para essa novidade que nos chega daqui e de lá. O Espírito está preparando algo novo que ainda não sabemos para onde nos levará.

O certo é que as novas formas estão aproximando realidades que, no passado, haviam permanecido muito distantes. Nós, por exemplo, nos educamos em uma teologia que falava de estados de perfeição. Pertencíamos ao estado de perfeição, porém os outros, os casados, por exemplo, eram

apresentados, de certo modo, como proletários da espiritualidade. Uma mãe de família não pode ser, em muitas ocasiões, mais virtuosa do que uma Irmã Religiosa. Existem disfunções que distanciam e que graças a Deus estamos corrigindo com uma nova maneira de pensar, de sentir, de viver a experiência da fé.

Vemos, pois, a necessidade de uma mística que corresponda às duas realidades: ao *carisma* que nos foi dado, por um lado, e que, por outro, corresponda também ao momento atual da história humana e às novas rotas do Espírito.

b) Por outro lado, existe também em nossos tempos uma reflexão que se faz a respeito da *ars moriendi* ou arte de morrer, que se aplica às Congregações que sentem que estão terminando, que estão dando o seu último suspiro. Eu me questiono, então, quem pode determinar o fim de um *carisma*? Essa é uma pergunta que não teria resposta em mim. Certo dia, íamos no carro – devia visitar os padres Marianos – e havia um tráfego caótico para ir da Praça de São Pedro à Praça do Povo. Gastamos uma hora e meia para percorrer seis quilômetros. O padre que dirigia me contava a história do Instituto. Eles nasceram, se desenvolveram, foram bastante numerosos. Depois, o Instituto foi perseguido em determinado país. Mataram quase todos os Religiosos e os proibiram de existir. Ao fim, permaneceu apenas um. Este foi fiel até o fim de sua vida. Dois anos antes de morrer, um advogado e outras duas pessoas disseram a esse frade: “Queremos ser como você”. Aquele advogado chegou a ser bispo e os padres Marianos voltaram a crescer. Não é um caso isolado, é o caso de outros Institutos e Congregações também assistidas pela ação imprevisível do Espírito. Existe algo que é de Deus e algo que é nosso. Nós não podemos medir com nossas medidas porque elas são muito estreitas. Parece-me que é chegada a hora de ajudar as Congregações que têm poucos membros, que estão em dificuldade. Não podemos deixá-las sozinhas, esquecidas, sem atenção, jogadas à margem da nossa vida de Consagrados(as). É preciso integrá-las nessa dinâmica de esperança.

Chaves para a comunhão

Certamente, eu não quero cair no lugar comum, porém há outra linha fundamental que já foi dita pelo Papa João Paulo II, no documento *Novo Millenio Ineunte* (n. 43-45), ao qual desejo voltar devido à sua radical importância. Ali se diz que a espiritualidade de comunhão é o critério para formar o homem e a mulher na Igreja e na sociedade neste milênio. Trata-se de uma afirmação muito ampla, profunda e profética, mas, ao mesmo tempo, parece ser uma afirmação que não compreendemos em toda a sua amplitude e profundidade. De fato, vejo que o *Documento de Aparecida* resalta essa espiritualidade de comunhão, aprofundando seus aspectos teológicos, espirituais e pastorais. Quisera, por tal motivo, aprofundar em alguns aspectos que me parecem indispensáveis para cruzar o túnel que estamos todos passando agora.

Apaixonados por Deus

Deus faz feliz a um(a) Consagrado(a), não é assim? Por que, então, topamos com tantas caras sérias e feias? Acaso Deus é feio, sério? Um homem e uma mulher expressam a imagem do divino. O que transmitem nossos rostos sobre a verdade de Deus? Isso nos leva a outra interrogação: Qual é o Deus que nós seguimos, afinal? Para muitos, Deus é o centro como condição, mas não como realidade. Algo assim como consagrados Pós-Modernos, no sentido cristão do termo. Agora, o Deus que me fascinou, quando me chamou, me faz ser louco por ele ou eu sou, agora, alguém que segue regras, estruturas, tarefas monótonas? Repito porque essa é uma questão deveras crucial: eu sou apaixonado por Deus? Isso me parece fundamental, se quisermos avançar na espiritualidade de comunhão. Porque o que parece ser impossível é possível para um apaixonado. Um apaixonado é um louco que chega mais longe para poder encontrar-se com sua paixão. Sofre dificuldades, porém continua. Não tem dinheiro, mas consegue o necessário para esse encontro. Não tem saúde, mas se levanta. Temos de recuperar a

loucura dos apaixonados. Que Deus seja nossa casa. Meu convite é para sermos felizes porque temos a Deus.

Existem duas tendências espirituais, hoje, que merecem atenção e discernimento: há um tipo de santidade baseada no voluntarismo. A pessoa acredita muito em sua própria capacidade. O voluntarismo carrega dentro de si um engano, porque Deus não coloca a pessoa como centro, antes é ela mesma que faz o caminho. O voluntarismo crê firmemente em sua capacidade pessoal, mas não necessariamente na de Deus. Atualmente, há muita gente que está voltando às práticas ascéticas, até mesmo um tanto quanto duras. São tendências fortes que podemos detectar no horizonte.

A alternativa que apresento é outra: apaixonar-se por Deus! Ele sempre à frente! Entregar-se a Deus. Crer no amor de Deus. Devemos dizer: “Eu sou um pecador, mas pela história da minha vida creio no teu amor. Levanto-me, assim como sou, cheio de problemas e limitações, porque quero amar-te, porque quero corresponder ao teu amor”. Isso é muito importante. Eu mesmo tendia a ser um escrupuloso, incapaz de serenidade, porém mudei quando adquiri a capacidade de reconhecer que basta entregar-se a Deus e crer que ele trabalha. Devemos descobrir essa presença protagônica de Deus em nossas vidas. Então, ascética e mística se equilibram.

Viver a Trindade

Temos, pois, a necessidade de fundamentar nossa teologia, antropologia e espiritualidade da comunhão desde o mistério trinitário. Para muitos de nós, o mistério trinitário permanece um mistério para adorar, um mistério para dizer corretamente, mas que não passa de um teorema muito distante. Karl Rahner já dizia que se tirássemos da fé católica o mistério da Santíssima Trindade em nada mudaria a vida ordinária dos cristãos.¹ Isso é tremendo! A realidade vai mudando, porém certamente chegamos a esse ponto. A antropologia, para ter uma base sólida, tem necessidade de entender qual é a relação de Deus conosco, homens e

1. RAHNER, K. *Escritos de Teología IV*. Salamanca: Ed. Taurus, 1964. p. 107.

mulheres. O Livro do Gênesis (1,27) nos recorda que somos imagem e semelhança de Deus. Isso é importante.

O grandioso Santo Agostinho contemplou a Trindade como o Amante, o Amado e o Amor.² Ele se assombrou diante desse mistério tão grande e concentrou-se, então, na Trindade que se revela dentro do homem, em sua inteligência, em sua memória, em sua vontade. É importante, porém não basta. Temos de entrar mais fundo na Trindade. Descobrir de que modo somos imagem e semelhança de Deus. Deus nos criou, então somos criaturas, e não Deus. Criou-nos homem e mulher, em igual dignidade, no mesmo nível. Que significa ser imagem de Deus? Essa é a questão fundamental. Aprendemos, desde os dois anos de idade, no catecismo, que Deus é o Espírito Perfeitíssimo, Criador do céu e da terra, porém isto não é o fundamental: Deus é Amor (1Jo 4,8-16). Nenhuma antropologia se sustenta se não entende que o homem e a mulher são, eles mesmos, amor. O principal não é o poder nem a inteligência, senão o amor. Isso corresponde a uma mudança de mentalidade que temos de realizar.

Amor kenótico

Não é fácil saber o que é o amor. Nós experimentamos o amor no coração do homem e da mulher, na história humana, porém, em Deus, o que é o amor? Para obtermos essa resposta, temos de observar o que Deus faz quando seu Filho realiza o mistério da salvação. O Filho tomou uma rota muito difícil de entender. Deus é tudo, mas quando vem a nós se faz pequeno para encontrar-se com o homem e a mulher. De que outro modo podemos entender Belém? Ninguém sabia que em Belém havia nascido Deus, filho de Maria e de José. Os pastores, os anjos, os magos, um punhado somente. Que Deus é este que se abaixa, que escolhe a cruz? A cruz é justamente o contrário do que é Deus. Deus é santo, a cruz é pecado. Deus é eterno, a cruz é a morte. Deus é a beleza, a cruz é a feiura. Então, por que escolher esse caminho? Num certo povoado indígena, o pai

2. SANTO AGOSTINHO. *De Trinitate* VII, 12.4: “Immo vero vides trinitatem, / si vodes caritatem... / Ecce tria sunt amans / et quod amatur, et amor”.

fica sempre de cócoras para poder falar com seus filhos no encontro dos olhares. Esta é a atitude de Deus: colocar-se no nosso nível. Temos de assumir mais decididamente o caminho dessa *kénosis*, que é a essência do amor. O amor não se impõe, se dá! Parece uma debilidade, porém é uma força. Introduz-nos na problemática, mas para transformá-la.

Devemos pensar que, no caso do Filho de Deus, há uma maneira extrema de atuar. Não se podia ir mais além daquilo que ele fez. Devemos deter-nos no momento prévio à morte de Jesus. Ele tem uma relação íntima com seu Pai, mas não entende mais seu Pai porque assumiu nossa situação até a contradição. Como se por assumir nossa humanidade houvesse perdido o centro de sua vida, seu Pai, humanamente falando. “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34). Grito de solidão. Grito sem resposta humana. Grito difícil. E o Pai não responde. Entretanto, Jesus permanece fiel: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46), minha vida. Então, hoje podemos dizer que no mistério da cruz, no mistério pascal há um testemunho de Deus para nós tão grande que é capaz de chegar a esse limite do amor. Se quisermos amar como Deus ama, temos de chegar a estar o mais perto possível de Jesus.

Tudo isso é fundamental, sobretudo hoje, quando a Igreja se sente chamada a abrir-se 360 graus em todas as direções: para dentro, para o ecumenismo, para o diálogo inter-religioso, para as pessoas que não têm fé. Dialogar sem julgar, evangelizar sem impor. Temos de adquirir esse equilíbrio. Devemos dar testemunho do amor *kenótico* ao mundo até que o outro possa dizer “isto é o que eu procuro”. Contudo, para isso temos de desprender-nos de tudo aquilo que não expressa o Evangelho e receber todo o valor que provém dele. Se não tivermos maturidade humana, se nos pesam as carências, se nossa própria história nos causa danos, não poderemos expressar o Deus Amor. Precisamos trabalhar fortemente nesse sentido, chegar a amar com esse timbre é uma das virtudes que temos de adquirir na Vida Religiosa e Consagrada: que onde estivermos sejamos respeitados por esta maneira de ser e de viver.

Conselhos evangélicos

Os votos com as promessas de pobreza, castidade e obediência não são mandamentos, são conselhos aos quais a pessoa responde desde a sua liberdade porque se sente amada e quer amar. Quando os votos nos convertem em seres menos livres, mais cansados, então perdemos essa força que está em nossa vida. Por exemplo: temos de repensar o que significa a obediência hoje. Nem os(as) superiores(as) sabem mandar nem os(as) súditos sabem obedecer, se diz por aí. Então, como fazer para exercer a autoridade nada menos que em nome de Deus? Antes de qualquer coisa, temos de ser irmão(ã) do outro. Se a par do que proponho a meu(minha) irmão(ã) estou disposto a dar a vida por ele(a), então poderei obedecer. Se não estou disposto a isso, é melhor me calar. Da parte daquele(a) que tem de obedecer, se não é capaz de expressar tudo o que traz dentro de si, como dom do Espírito Santo, o(a) superior(a) não poderá decidir bem, porque lhe falta a luz que provém do outro. Assim, pois, não podemos exercer a autoridade sem consultar, sem repassar os conselhos, sem buscar junto com o outro, sem pensar com humildade o que é que Deus quer e que ainda não sabemos.

Com relação aos nossos afetos, à sexualidade, penso que nós, os(as) Consagrados(as), sabemos da beleza de nossa consagração através do celibato. No entanto, houve um tempo em que nos educamos em ver no outro um perigo ou uma fonte de tentação. Agora se vive essa experiência desde uma maior proximidade, que traz consigo outros desafios. Mas tal proximidade é importante. Como fazer esse equilíbrio de estar próximos sem perder a característica de Consagrados(as)? Como manter um olhar puro para ver o outro, seja homem, seja mulher? Não se trata de manter distância, senão de aprender a amar segundo o coração de Deus.

Quanto à pobreza, os Religiosos são pobres, as Congregações não necessariamente. Esse não é o problema! O problema é a ausência de comunhão entre os que têm e

aqueles que não têm. Sem essa perspectiva do amor solidário se perde a luz das coisas. Dizemos que seguimos a Deus, mas temos um ídolo em nosso coração. A vida em Deus Trino nos convida permanentemente à comunhão de bens. Entregamos obras belíssimas, igrejas, conventos, escolas, permitimos que percam sua verdadeira natureza para converter-se em algo alheio, somente por não sermos capazes de entrar em diálogo e comunhão. É incrível que dois capitalistas inimigos possam colocar-se de acordo para fazer mais dinheiro juntos e nós, os que temos o Deus Amor, tenhamos dificuldades para dialogar com o fim de adiantar o bem do Evangelho.

Os conselhos evangélicos têm de recuperar sua originalidade e vitalidade para a comunhão profunda. Sou *pobre* porque compartilho o que tenho, o que sou, o que penso; porque reconheço que tudo é dom? Sou *casto* porque meu coração é bom e tenho a capacidade de amar com serenidade, com paz? Sou *obediente* porque não me imponho aos outros, mas busco a vontade de Deus junto às demais pessoas?

Essa dinâmica, vista sob a ótica do amor, permitirá que nossas comunidades sejam mais um lugar familiar e não um lugar onde prefiro não estar ou estar o mínimo possível. A mesma riqueza da opção preferencial pelos pobres, de viver com os pobres, terá a força de mantê-la viva se conservarmos os fundamentos em seu justo lugar. A doutrina é clara, o problema é a experiência concreta: Como? A partir de que fundamento vivenciamos todas essas nossas opções?

O mistério da Igreja

Finalmente, este é o tempo oportuno para reconhecer que a Igreja não é somente hierárquica nem somente carismática, mas possui as duas dimensões como riquezas dentro de uma comunhão baseada no Amor. O sistema de governo da Igreja não é uma monarquia, tampouco uma democracia. Esses são elementos da sociologia que aplicamos à Igreja, porém não constituem a notícia real da profundidade do mistério. Desde o início, os carismas fizeram parte da

Igreja, basta ler os escritos de Paulo. Pensemos também que Maria não teve nenhum poder, mas Maria existe antes dos Apóstolos. Então, temos de pensar que na dimensão mariana da Igreja está a dimensão carismática. Por esse motivo, a Vida Consagrada deve caminhar essencialmente junto aos pastores. Essa proximidade fiel provocará em nós, os pastores, uma conversão contínua, porque temos a missão de mestres, de santificadores, de autoridade, porém não podemos esquecer que tal missão só pode ser exercida em constante atitude de lavar os pés.

O caminho é o amor, o despojamento até a morte.

A missão das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor junto às mulheres em situação de prostituição

LUCIA ALVES DA CUNHA*

“Quero que vejam nelas a imagem do Redentor.”
(Madre Antonia da Misericórdia)

A *espiritualidade cristã* é bíblica, nasce da Palavra de Deus e do contato com a realidade, e através dela somos chamadas e chamados a ser “sal da terra, luz do mundo” (cf. Mt 5,13-16), testemunhas vivas da ação divina, do sopro da *Ruah* sobre nós.

Do dinamismo da *Ruah* sobre Padre Serra e Madre Antonia nasce a missão das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. Uma história de entrega, acolhida, misericórdia e solidariedade que nos impulsiona e nos compromete com o desenvolvimento humano e social das mulheres em situação de prostituição.

A Congregação das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor nasceu na Espanha em 1870, fruto da sensibilidade de Padre José Benito Serra e Antonia Maria da Misericórdia para com a realidade de miséria e abandono que viviam as mulheres em situação de prostituição naquela época. Ambos deixaram tudo e se comprometeram com a causa de libertação das mulheres. Em poucos anos expandiu-se, primeiro na Espanha, depois pelo mundo. Atualmente, encontra-se em quinze países. Em terras brasileiras, está presente, desde 1935, na Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

No Brasil, até o ano de 1980, as Irmãs Oblatas vivenciaram o carisma e a missão acolhendo em internatos meninas e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A

* **Irmã Lucia Alves da Cunha** pertence à Congregação das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. É bacharel em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, de São Paulo, e mestranda em Ciências da Religião pela PUC-SP. Atualmente, é coordenadora do Projeto Antonia, um projeto do Instituto das Irmãs Oblatas que atende mulheres em Santo Amaro, São Paulo.

partir dessa década retomam a expressão do carisma inicial, passando a desenvolver projetos pastorais com mulheres adultas.

Hoje esses projetos pastorais estão articulados em rede – Rede de Pastoral Oblata – e possuem uma proposta pedagógica própria que norteia a ação, a partir de uma pedagogia libertadora, dialógica, que considera o contexto, a realidade e as histórias de vida das mulheres visando ao protagonismo das mesmas. Procura-se atuar com as mulheres e não para elas, utilizando elementos da realidade que proporcionam a elas se perceberem, enquanto sujeitas de sua própria história, como pessoas com potencialidades, capazes de mudanças e de transformação.

As mulheres atendidas nos projetos da Rede Oblata são mulheres em situação de prostituição, de vulnerabilidade social, que estão inseridas em núcleos geográficos marginais, com escassos recursos econômicos, culturais e pessoais e altos índices de desemprego. Elas vêm de famílias pobres e buscam, através da prostituição, recursos para sustentar os filhos, ajudar os pais, adquirir casa própria ou melhorar a qualidade de vida. Há mulheres que mantêm relação ou contato com seus familiares, mas nem todas dão a conhecer aos mesmos sobre a atividade em que atuam. Costumam dizer que trabalham em serviços domésticos, em restaurantes, em lanchonetes, ou como costureiras, entre outros. Escutando essas mulheres, tanto no atendimento na sede dos projetos quanto nas visitas nas ruas, hotéis, praças, clubes *privés* e boates, percebe-se que elas não revelam o que fazem por sofrer preconceitos e discriminação. Por isso usam “nomes de guerra” e procuram exercer a prostituição em grandes centros urbanos, distantes de parentes, amigos e vizinhos para garantir o anonimato.

Outras mulheres não mantêm relação e contato com a família devido à migração e às experiências negativas na infância. “Os vínculos familiares, em função da migração ou do preconceito, são rompidos, perdendo a pessoa outras referências senão aquelas do próprio meio”.¹

1. SANTIAGO, C. O.; SANTOS, E. A vida das profissionais do sexo: vontades, frustrações e sofrimento pessoal: uma experiência tumultuada.

O contexto familiar das mulheres que estão em situação de prostituição é mesclado de amor, atenção, cuidado com a família e marcas negativas de abusos sexuais na infância por parentes próximos que geram conflito, raiva e distanciamento. Há muitos relatos sobre essas diversas experiências: Rute² afirma, com tristeza: “Tem sete anos que não vejo minha mãe. O companheiro dela abusou de mim, e ele continua morando com minha mãe. Eu não quero encontrar com ele”. Suzana³ também fala da sua experiência na infância: “Fui abusada sexualmente dos dez aos quatorze anos pelos companheiros de minha mãe. Quando completei quatorze anos fui para uma boate onde outras adolescentes se prostituíam”. Esses relatos são comuns em histórias de muitas das mulheres que são atendidas e acompanhadas nos projetos. São experiências que interferem no relacionamento familiar e dificultam a criação de vínculos da mulher com seus filhos, companheiros e outros relacionamentos interpessoais. Parece que tal rompimento de vínculos em suas histórias traz como consequência a falta de confiança entre elas e, logo, a desunião, favorecendo, assim, a exploração e os maus-tratos pelas donas, donos e gerentes das casas de prostituição.

Diante desse contexto de violência, de pobreza, da baixa escolaridade, das drogas e de outras situações que vivem as mulheres, procura-se traçar um caminho gradual, progressivo e articulado com outras instituições governamentais e não governamentais com as quais se fortalecem redes e parcerias para melhor atendê-las nas suas diversas necessidades: saúde, educação, capacitação básica, emprego.

Em cada projeto da Rede considera-se a realidade local e concreta das mulheres e desenvolve-se uma formação abordando temas pertinentes à situação das mesmas. Utiliza-se bate-papos, rodas de conversas, oficinas terapêuticas, palestras, oficinas formativas, entre outras dinâmicas que possibilitam às mulheres recontar suas histórias de vida, resgatar sonhos, às vezes interrompidos, e assim descobrir potenciais que favorecem o crescimento da autoestima e da autoconfiança. E as mulheres que desejam capacitação são

2. Rute, nome fictício, é nordestina e é atendida pelo Projeto Antonia em Santo Amaro, São Paulo. Atualmente, deixou a prostituição e trabalha como doméstica.

3. Suzana, nome fictício, é nordestina, passa alguns meses trabalhando nas proximidades da estação rodoviária de Belo Horizonte e outros em sua terra natal. Durante o tempo em que está em Belo Horizonte participa de curso e oficinas na sede da Pastoral. Deu este depoimento enquanto conversava informalmente com as trabalhadoras sociais da Pastoral.

encaminhadas para cursos profissionalizantes, os quais têm possibilitado alternativa de renda financeira. Para umas, ter uma profissão permite a saída da prostituição; para outras, a prostituição passa a não ser a única fonte de renda, por isso não se submetem mais a tanta exploração das casas e dos clientes.

Há diversos relatos de experiências e processos de mulheres participantes dos projetos.

Elsa⁴ diz: “Hoje sou uma pessoa de muito sucesso, trabalhei vinte e dois anos na prostituição e comprei tudo que podia com o dinheiro, troquei a bebida por um vidro de tinta, hoje tenho meu empreendimento, e devo tudo ao projeto e às meninas”. Quando afirma que trocou a bebida por um vidro de tinta, Elsa está se referindo à participação na oficina de pintura em tecido oferecida na Pastoral, onde descobriu seu talento, tanto na pintura como na costura. Hoje vende seus produtos em diversas feiras artesanais no Brasil e tem orgulho de dizer o que faz.

Cristiane⁵ partilha durante um encontro das mulheres promovido pela Rede Oblata: “Este crachá me representa como a águia, ele é o topo da montanha, passei por várias etapas para chegar aqui, hoje trabalho com carteira assinada e tenho oportunidade de levar informações para minhas colegas, graças a Deus”. A prostituição não é mais seu único meio de sobrevivência e ainda pode dizer a seus familiares o que faz e que tem uma profissão.

Cidinha⁶ reconhece que a participação no projeto Força Feminina em Salvador foi importante para retomar a vida e até mesmo assumir o filho:

[...] até que me encontrei com o projeto, que me mostrou que tenho que levantar a cabeça, não ficar me humilhando, aprendi a ser águia, aproveitei as oportunidades. Não pude criar meus filhos. Minha família, que tinha abandonado, passei a visitar, e busquei meu filho para morar comigo.

Há diferentes processos de crescimento e libertação de mulheres. Há também as dificuldades e, entre estas, a de

4. Elsa, nome fictício, é atendida pela Pastoral da Mulher em Belo Horizonte-MG. Deixou a prostituição e dedica-se a confeccionar bolsas.

5. Cristiane, nome fictício, é atendida no Projeto Antonia em Santo Amaro, São Paulo, e é agente de prevenção do Programa de Saúde da Prefeitura de São Paulo.

6. Cidinha, nome fictício, participa do Projeto Força Feminina em Salvador-BA.

assumirem os seus próprios sonhos, de acreditarem que é possível viver sem o estigma, sem exploração, e que elas podem ser protagonistas da própria história.

No processo de acompanhamento às mulheres, a espiritualidade é um elemento fundamental. A realidade de pobreza e exclusão, de injustiça social, de exploração sexual e econômica que atinge particularmente as mulheres nos impulsiona a sermos presença de Jesus Redentor-Libertador, comprometidas e atuantes nessa realidade, e “nos introduz no mistério da encarnação-redenção abrindo-nos a uma compreensão nova da realidade. Reconhecemos a presença de Deus que a partir deste lugar de revelação nos interpela e nos conduz a um renascer para a missão”.⁷

Acreditamos que a semente do Reino já se encontra presente na realidade em que as mulheres estão inseridas e nelas mesmas. Sendo assim, a missão da Rede de Pastoral Oblata é a de imergir nesse contexto com atitude de “tirar as sandálias”, pois “essa terra é sagrada”, permeada de vida que exige respeito ao “pisar”, e consideramos que nossa missão passa pela preservação desse núcleo inviolável da pessoa humana.

Referências

- A *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Paulus.
IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR. *Diretório* n. 22. Madrid, 1995.
SANTIAGO, C. O.; SANTOS, E. A vida das profissionais do sexo: vontades, frustrações e sofrimento pessoal: uma experiência tumultuada. *Caderno de Debates Plural*, Belo Horizonte, n. 11, p. 13-16, 1999.

Os caminhos da missão na Amazônia peruana

TEREZINHA MARIA DALCEGIO, CF*

Durante oito anos estive no sul do Peru, num lugar chamado Huepetuhe. Junto com minhas irmãs catequistas franciscanas, e muitos outros corações, vivenciamos uma profunda e densa experiência missionária em meio a conflitos, dificuldades e alegrias. Doamos esse tempo com coragem e vigor, geramos um novo colorido à vida, sofremos, lutamos, fomos perseguidas. Enfim, tivemos de deixar esse lugar quase às escondidas e sob ameaças. Uma história em que aprendemos a ser discípulas.

A realidade de Huepetuhe

O distrito de Huepetuhe está localizado na selva Amazônica, na província de Manu, ao sul da região Madre de Dios, Peru. Pertence ao Vicariato Apostólico de Puerto Maldonado. Na década de 1950, iniciou-se a atividade mineradora de ouro no centro da selva de Cusco, provocando uma intensa migração de pessoas da serra para as regiões da selva amazônica em busca do precioso metal, chegando às margens do rio Huepetuhe, cujo nome vem da língua Arakambut e significa “pegadas de tigre”.

Na década de 1970, foram criados núcleos humanos, aumentando a população de Huepetuhe e despertando interesse de grandes empresas, nacionais e internacionais, na

* **Irmã Terezinha Maria Dalcegio** é Religiosa da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas e missionária na Amazônia peruana. Província Irmã Amabile Avosani. E-mail: tdalcegio@gmail.com.

exploração de ouro. Tais empresas, com tecnologia moderna e de grande capacidade, se estabeleceram na região, ocupando extensas áreas e criando pela primeira vez conflitos sociais com os primeiros migrantes, sem falar dos conflitos ocorridos anteriormente com os indígenas que habitavam toda a região.

Na década de 1990, as empresas distribuidoras de máquinas pesadas, como Volvo, Caterpillar, Fiat e outras, dão início à mais cruel depredação e destruição do ecossistema, a qual, baseada no trabalho desordenado e pouco técnico e sem nenhuma fiscalização do Estado, converteu a beleza dos bosques amazônicos em um gigantesco deserto de morte e desolação, dando origem aos mais diversos problemas sociais e ambientais e atentando contra a saúde do povo através do excesso de mercúrio jogado na terra, no ar e na água, contaminando também os seres humanos.

A paisagem que se encontra ao chegar a Huepetuhe é desoladora, uma grande ferida em plena floresta amazônica, um deserto que se abre entre as verdes florestas e o branco dos nevados dos Andes. É quase impossível acreditar que o ser humano é capaz de fazer tamanha crueldade e destruição para obter um “bem” chamado ouro, não lhe interessando a vida, mas sim o dinheiro e o lucro.

A missão das Irmãs Catequistas Franciscanas

Diante de tal realidade, no ano de 2004, nós, Irmãs Catequistas Franciscanas, nos sentimos impulsionadas a pisar essa terra e sentir com o coração e os pés o clamor da natureza e da vida humana. Era necessário trabalhar a ecologia humana e ambiental, para tocar o coração do povo diante da necessidade de viver amorosa e fielmente a relação com Deus, com os irmãos e com os bens da criação.

Considerando o imperativo missionário “tira as sandálias, porque este chão é sagrado” (cf. Ex 3,5ss), nossos pés tocaram uma terra e uma realidade cultural diferente. A escuta, o conhecimento, o silêncio, o olhar, o aproximar-se foram a

força e a grandeza do espírito criador acompanhando passo a passo nossa caminhada no meio do povo. Fomos chamadas a essa missão e provocadas a não ficar indiferentes. Com esse apelo, além de todo o trabalho pastoral que devia ser feito, iniciamos com a população do distrito um trabalho de conscientização sobre o cuidado do e o respeito ao meio ambiente. Sabemos que está em nossas mãos a responsabilidade de cuidar de e preservar este presente de Deus. Preservar o meio ambiente é preservar a vida. Portanto, é nossa missão apostar e trabalhar por uma vivência ecológica, envolvermo-nos na defesa do meio ambiente, lutar pela justiça, pela paz, por uma justa distribuição das terras e riquezas... Somos convocadas desde o Evangelho a nos converter e ser portadoras de esperança, especialmente entre os preferidos de Deus, e com eles buscar uma vida digna e justa.

Família, juventude e meio ambiente

A metodologia de trabalho, desde seu início, foi “ver, escutar e respeitar o ritmo do povo”, com o trabalho de um primeiro diagnóstico da realidade feito conjuntamente com os líderes das comunidades resultando nos temas a serem trabalhados no distrito de Huepetuhe: *família, juventude e meio ambiente*, pois esses eram os principais gritos da realidade. Dentro do tema meio ambiente refletiu-se sobre a água. Água como fonte de vida, água que todos necessitamos para poder viver, sejamos ricos ou pobres..., muito mais nesta realidade, onde as empresas mineiras necessitam de grande quantidade de água para poder extrair o precioso metal chamado ouro.

Foram realizados vários seminários temáticos – “A água nossa de cada dia”, “Água, saúde humana e mineração”, “Água é vida, água é saúde” –, bem como vários encontros de formação com lideranças das comunidades, sempre tendo como enfoque o *cuidado com o meio ambiente*.

Conscientização e estudo da água

No ano de 2008 iniciamos o projeto para um estudo da água de consumo humano de todo o distrito de Huepetuhe. Para cumprir esse objetivo aconteceram encontros em todas as comunidades com o tema “Conhecendo minha cidade”, com a metodologia de desenhar: como era minha cidade?, como é agora?, como gostaria que fosse? Sempre através de desenhos que permitiam identificar as principais fontes de abastecimento de água e despertar o interesse dos participantes para a necessidade do cuidado para com as nascentes. Os encontros formativos se realizaram juntamente com alunos, professores e autoridades, com visitas às nascentes e aos reservatórios de água que abastecem as comunidades.

O resultado do estudo em laboratório nos mostrou que a água analisada apresentou valores na escala ácida de pH, bem como a presença de ferro, muitos coliformes, em alguns reservatórios uma quantidade alta de cloro, de petróleo e mercúrio. Nos sedimentos foram encontrados mercúrio, cobre e zinco, quantidades importantes de chumbo, bastante arsênico e cromo.

Durante esse tempo de conscientização também aconteceram algumas atividades relacionadas ao tema meio ambiente: passeatas pelo Dia do Meio Ambiente, Dia da Água, concurso de mural ecológico, danças e poesias, momento de oração com os alunos nas nascentes, palestras em todos os colégios, diversos encontros com crianças e jovens, plantio de árvores e distribuição de sementes.

Havia também um programa, “Tierra Nuestra”, diário, de trinta minutos, numa das rádios da cidade, e a edição de um boletim mensal, dando ao povo oportunidade de se expressar, através de poesias, opiniões, escritos, em relação ao cuidado que devemos ter com nossa Casa Comum.

Perseguição dos empresários

Dentro desse processo construído coletivamente sofremos ameaças e reações agressivas por parte de um grupo de

empresários mineiros. Todo esse trabalho era uma ameaça para seus interesses pessoais. Usaram os meios de comunicação e suas próprias assembleias e reuniões para difamar nossa presença. Chegaram a dizer que éramos da CIA e espíãs do governo, que estávamos ali somente para passar informações sobre a informalidade da mineração ao governo central. Que não éramos religiosas, mas sim uma ONG, e que éramos contra a mineração... Por ocasião da visita pastoral do bispo, Monsenhor Francisco González Fernández, os empresários mineiros chegaram a formar um grupo e foram diretamente ao bispo pedir para que fossem retiradas do município, pois estávamos atrapalhando seus interesses econômicos, bem como alertando que iniciariam um abaixo-assinado com toda a população.

As acusações foram se intensificando, e o trabalho se tornou cada vez mais difícil de ser realizado. Algumas pessoas da comunidade se dirigiam a nós nos apoiando, mas, ao mesmo tempo, preocupadas com a nossa situação e segurança pessoal, nos alertavam para não nos expormos demais e para que não saíssemos às ruas, porque havia comentários sobre a queima da nossa casa, ou até mesmo ameaças de morte. Diante disso, estava sendo impossível continuar naquele espaço missionário. Com muita tristeza, a pedido da Congregação, da Província e mesmo do Vicariato, nós nos retiramos do município no mês de abril de 2012. Saímos sem despedidas, sem escutar um “muito obrigado”, saímos..., talvez assim como o pobre faz quando muda de lugar, simplesmente parte para outro lugar, sem dizer nada.

Resgate da vida

Todos os trabalhos que realizamos nessa realidade, nós os fizemos porque cremos que o Reino de Deus deve prevalecer em todos os lugares e realidades, por mais distintas que sejam. E nossa missão como Irmãs Catequistas Franciscanas sempre teve como objetivo valorizar a vida do ser humano e da natureza. O importante é acreditar que algumas sementes lançadas, mesmo sendo em um deserto, vão ter a

oportunidade de crescer, de se desenvolver e produzir frutos. Porque sabemos que podemos encontrar uma fonte de água em algum lugar do deserto. Muitas vezes são esses lugares que consideramos insignificantes que nos convertem e ensinam, portanto dão-nos a certeza de que estamos no caminho certo. Lugares privilegiados para fazer a experiência do encontro com o Deus da VIDA.

Para mim, a experiência me fez entender que é em meio aos mais pobres, no rosto e no sofrimento dos que não se sentem gente, dos que são explorados, e mais esquecidos, que reencontro minha identidade de Vida Religiosa Franciscana. A semente do Bem foi lançada, ela há de fecundar na terra e nos corações humanos para que prevaleça a vontade de Deus. Assim, enquanto o mundo se organiza para viabilizar negócios, lucros..., nós temos a missão de ajudar a resgatar a dignidade das pessoas para que possam se sentir GENTE e, a partir disso, reconstruir suas vidas.

“Ver, escuchar y acercarse”

Com certeza o coração da gente sente e chora. Mas com certeza ele também canta a alegria de estar no coração de Deus, porque se está no coração daqueles que são os preferidos de Deus. Foi um aprendizado, um tempo para mudar o olhar e aprender a abrir os olhos, os ouvidos e o coração e despertar o discipulado que estava dentro de mim. O seguimento se faz pelo caminho, seguindo as pegadas do mestre. Por isso vamos abrir outro caminho, pisar outra realidade, nos hospedar em outra casa. “Mestre, onde moras? Vem e verás” (cf. Jo 1,38). O encontro com Jesus se dá caminhando, pois Jesus mora no caminho.

Termino com esta frase que sempre me acompanhou nestes anos de missão: “Ver, escuchar y acercarse, forman la base de la experiencia mística profética”.

Paz e Bem!

A missão das Irmãs Marcelinas junto aos doentes em Porto Velho

LINA MARIA AMBIEL*

As Irmãs Marcelinas iniciaram sua história de amor e dedicação à população de Rondônia em 1975. Aconteceu que o Padre salesiano José Sardo, então administrador da Colônia de Leprosos “Jayme Abem Athar”, em Porto Velho, encontrou-se com Irmã Giuseppina Raineri, uma Religiosa da Congregação das Irmãs de Santa Marcelina, que estava em trânsito de Porto Velho para a cidade de Humaitá, no Amazonas. Sendo ele um conhecedor do carisma Marcelino, viu nesse encontro a mão de Deus e convidou as Irmãs para administrarem o leprosário. As Marcelinas, com muita coragem e zelo, assumiram, assim, a coordenação da comunidade localizada no km 17 da BR 364, em plena floresta amazônica.

A dedicação e o trabalho das Irmãs trouxe dignidade e respeito aos doentes em tratamento.

Em 21 de março de 1993, a colônia passou a ser chamada Comunidade Santa Marcelina, em honra de “Santa Marcelina”, Padroeira da Congregação das Irmãs e por ser uma filial do Hospital Santa Marcelina, de Itaquera, São Paulo.

Atualmente, aos 58 anos, contados desde a sua fundação em 1954, a ex-colônia de leprosos transformou-se na atual comunidade, ou melhor, no Hospital Santa Marcelina, um complexo hospitalar com dois ambulatórios, cem leitos, um centro cirúrgico com seis salas, centro auditivo e centro oftalmológico. O hospital atende mais de oitocentas pessoas por dia, em diversas especialidades médicas disponíveis à população. Hoje é referência regional na qualidade do atendimento ao usuário do Sistema Único de Saúde (SUS), em

* Irmã Lina Maria Ambiel é religiosa da Congregação das Irmãs Marcelinas, superiora da Comunidade Religiosa de sua Congregação em Porto Velho e diretora do hospital. **Endereço da autora:** BR 364, km 17, CEP 76801-974, Caixa Postal 313 (Correios Agência Central), Porto Velho-RO. Tel.: (69) 3218-2211/3218-2212.

saúde auditiva e visual e também no tratamento da hanseníase. Possui uma oficina ortopédica, única no estado, sendo a responsável pelo atendimento de toda a população de Rondônia, sul do Amazonas e parte do Acre.

Fiel à missão de educar e modelo de humanização, a Rede Santa Marcelina contribui significativamente para o desenvolvimento de novas gerações em Rondônia. Além de quatro escolas, que juntas atendem mais de seis mil alunos, o Hospital Santa Marcelina, de Porto Velho, atua com aproximadamente duzentos e cinquenta estagiários de diversos cursos, como medicina, fisioterapia, enfermagem, nutrição, serviço social e psicologia. Esses acadêmicos aprendem o modelo de atendimento humanizado, tendo a oportunidade de vivenciar a missão do hospital, que é “proporcionar soluções em saúde à luz de valores éticos, humanitários e cristãos”.

Irmãs Mercedárias da Caridade unificam suas Províncias

BARBARA BUCKER, MC*

As Irmãs Mercedárias da Caridade informam e pedem orações para a realização do Primeiro Capítulo de unificação de três das Províncias da Congregação com seus respectivos países: “São Pedro Nolasco”: Brasil; “Padre Zegrí”: Argentina, Chile e Paraguai; e “Nossa Senhora de África”: Angola, Moçambique e Portugal. Tal Projeto traz como novidade a busca de um estilo de vida colegiado para conseguir um governo de liderança também colegiada.

As Irmãs dos governos provinciais pensaram na eleição de uma Comissão de Irmãs das três Províncias para colaborar no projeto de unificação, juntamente com os três governos provinciais. Foi elaborado por essa Comissão o Projeto de unificação para o ano de 2012, culminando com a realização do Capítulo de unificação das três Províncias. O Projeto previa o estudo e a análise dessa realidade plural e diversificada em vários âmbitos: formação, missão e evangelização, pastoral vocacional, governo e administração. Só conseguimos realizar parte do projetado por causa da falta de tempo e pela dificuldade de comunicação.

O estudo de exploração sobre a Formação Assimilada e Missão-Evangelização identificou as necessidades das comunidades das Províncias que se unificam, partindo de *unidades estratégicas* (UE). Dentro da UE Formação Assimilada foi analisada a CO (comunitariedade), a ED (experiência de Deus) e a IC (identidade carismática). Na unidade Missão-Evangelização, as dimensões de TP (testemunho profético), CM (consciência de missão), AA (atividade apostólica), DP (destinatários pobres) e MC (missão colegiada). Após

* **Barbara Bucker** é religiosa da Congregação das Irmãs Mercedárias da Caridade, professora de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e membro da Equipe de Reflexão Teológica (ERT) da CRB Nacional.
Endereço da autora: Rua Maria Joaquina, 544, Pavuna, CEP 21520-280, Rio de Janeiro-RJ. E-mail: bbucker@openlink.com.br.

esse estudo, foi elaborado um *documento* apresentando metas e linhas de ação para o novo governo unificado. Além disso, foram feitos documentos para a Fundamentação Filosófica, Bíblica e Teológica para tal estilo de vida colegiado. Tem-se em mente o “sonho” de reforçar a comunhão e relançar a missão da Congregação na Igreja por meio do carisma de caridade redentora.

Com a participação de todas as Irmãs, foi eleito o nome da nova Província – *Padre Zegrí* – e o local da sede provincial – *Brasil*. Neste momento será no Rio de Janeiro, onde residirão a provincial, a secretária e a administradora. Uma conselheira provincial delegada – uma em Angola e outra na Argentina – viverá e acompanhará as Irmãs no dia a dia.

Um momento importante do processo foi a realização das assembleias pré-capitulares nas três Províncias, assessoradas por duas Irmãs da Comissão, que para tal viajaram a Angola, Argentina e Brasil.

Vivendo o processo de unificação dessas Províncias a partir da metodologia de governo colegiado, queremos reforçar a comunhão, o sentido de pertença, e relançar nossa missão de caridade redentora para dinamizar a vida congregacional com sentido de universalidade e, assim, colaborar mais eficazmente na missão da Igreja.

Essa experiência incorpora Irmãs de variadas realidades e culturas e muitos leigos que vão seguindo nossa espiritualidade libertadora. Durante meses nós refletimos e rezamos para procurar novos caminhos, confiando na Providência de Deus para responder melhor aos desafios atuais da sociedade, da Igreja e da Congregação.

De 25 a 31 de janeiro de 2013, em Campos do Jordão-SP, na Casa de Retiro Dom Bosco, dos Salesianos, estaremos 51 irmãs capitulares para configurar a nova equipe de coordenação. Cheias de esperança e iluminadas com o lema “Vejam que estou fazendo algo novo, que já está brotando, não percebem?” (Is 43,19); “Venham e verão!” (Jo 1,39). E com o tema: “Unificar para Revitalizar”.

Entendemos esse *uni car* como conseguir unidade, mas ao mesmo tempo acolher as diferenças. Isso é sempre um desafio para não confundir unidade com uniformidade. A uniformidade é algo “exterior”, não nasce de dentro do amor que unifica, mas procura a aparência externa da unidade em símbolos e expressões externas. A unidade verdadeira deve ser procurada com a consciência da diversidade das pessoas que a formam. A nova Província talvez seja única quanto às diversidades, marcadas por Irmãs de três continentes: Europa, África e América Latina. Estamos conscientes de que as representações de cada Província para a integração devem considerar a dupla polarização: sermos fiéis aos “aí” diferentes e ao “aqui” onde se afirma a unidade. Nós queremos viver no amplo o que cada Irmã deve viver no situado: ser fiel ao “aqui” próprio e respeitoso dos “aí” alheios.

A unificação é um meio e ao mesmo tempo um fruto da “revitalização”. Trata-se de aprender a unidade vivida até agora de forma muito vertical (quem une é uma autoridade individual), uma nova unidade que nasce da corresponsabilidade e que quer expressar a unidade do diverso. Uma *vida exigida por essa ideia de unidade* não é fácil, mas exigente sempre de uma conversão, e demanda uma profunda espiritualidade. O modelo último e supremo é a vida da Trindade, *uni cada e vivida por pessoas bem distintas umas das outras*. O modelo é especial porque todo o ser das pessoas divinas é “pura relação”, isto é, referência de cada uma às outras duas. Nenhuma das pessoas tem um “em si” que proteger e defender, mas a relação é tudo nelas. No caso desta realidade, as Províncias originais têm raízes culturais que não devem ser esquecidas, porque são *vida em comunhão com seus povos e culturas*, mas a relação é aberta, como quis o Padre Zegrí, para toda forma de unidade e decisão a ser tomada, como é a vocação onímota da caridade.

Confiamos na ajuda e no apoio de todos os nossos irmãos e irmãs da CRB Nacional e das várias Regionais, pedindo a Graça de Deus para a reflexão, o discernimento e a execução desse Projeto visando à vivência da máxima de nosso Fundador: “Tudo para o bem da humanidade em

Deus, por Deus e para Deus”. O beato Padre Zegrí quis que sua Congregação tivesse como meta uma prática de serviço onímodo, isto é, aberta a todas as formas do amor redentor. “O anúncio apaixonado de Jesus Cristo é a maior urgência da caridade redentora” (*Constituições*, 64). As sementes da caridade continuarão se espalhando pelos caminhos por onde andarmos...

IR. ANDERSON AUGUSTO SOUZA PEREIRA*

A capa da Revista Convergência 2013 tem sua inspiração em uma composição de ícones clássicos e recorda Emaús (Lc 24,13-35).

Os jovens, abraçados por Jesus, continuam o seu gesto de repartir o pão. Há uma sequência de olhares: a jovem que olha para o jovem e este que olha para Jesus. E Jesus, por sua vez, dirige seu olhar para quem está de fora, contemplando a imagem como novo discípulo chamado também a integrar a cena...

Os corpos dos três se interagem na fração do pão em sinal de comunhão, numa mesma roupagem, e uma luz de vida e ressurreição os envolve...



* E-mail do autor:
augustodesouza2@
gmail.com

A sociedade do espetáculo

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

Puxando a conversa...

Você já reparou que hoje em dia qualquer fato comum e de pouca ou nenhuma importância corre o risco de tornar-se um espetáculo? O que não era passa a ser! Tudo é mostrado nas telas, grandes ou pequenas, com detalhes às vezes insignificantes e, sobretudo, com enorme riqueza de cores, sons, sensações... A grande mídia encarrega-se de colocar em suas molduras coloridas o que quer e bem entende. E não só a vida, as coisas mais simples e cotidianas, o trivial, mas também a morte e tudo o que a acompanha. Que coisa! O velório e o enterro de um artista de TV ou de cinema, por exemplo, é matéria para extensas reportagens e comentários sem fim. Isso para não falarmos daquele tipo de programa policial que faz estardalhaço dos assaltos, sequestros e outros tantos crimes que ocorrem diariamente nas grandes cidades. Haja sangue! A polícia, quando vai fazer uma operação, às vezes mais preocupada com o espetáculo do que propriamente com o seu trabalho específico, até avisa com antecedência para que a mídia *prepare* o show, quer dizer, faça a *produção* do evento a ser mostrado aos telespectadores. E tem também o *Big Brother*, o deprimente espetáculo das perversões humanas transmitido sem nenhum pudor pela TV Globo ano após ano. Em cena, as idiotices, os desvios de personalidade, as patologias mais estranhas que se possa imaginar. Benza Deus!

* Padre Plutarco Almeida é jesuíta, jornalista e editor da revista *Convergência*. Blog: <plutarcoalmeida.blogspot.com>.

tem talento, se o fato realmente é importante para a sociedade ou se algo merece destaque nas telinhas e nas telonas. Fabrica-se *talentos* como quem faz um bolo a partir de uma receita, constrói-se manchetes desde o nada. Depende tão somente do vaivém das ondas econômico-financeiras, do apetite do mercado, esse lobo feroz.

Destrinchando um pouco o tema...

O sociólogo Guy Debord foi um dos pioneiros no estudo acadêmico desse fenômeno. O seu livro *A sociedade do espetáculo* é a obra precursora de toda análise crítica da moderna sociedade de consumo. Trata-se da mais importante obra teórica produzida no contexto que precedeu os acontecimentos de Maio de 1968 na França. Até mesmo alguns autores chegam a afirmar que Debord não antecipou apenas a revolução cultural de 1968: antecipou o século XXI, anunciando em grandes linhas muitas das suas consequências.

Com o auxílio da análise marxista da sociedade, Debord critica o que ele chama de *tiranía das imagens e submissão alienante ao império da mídia*. A nova sociedade, a sociedade tecnológica e midiática, que se anunciava no início da década de 1960, era fundamentalmente a sociedade da imagem, o reino das aparências. O real é apenas e tão somente o que podemos ver! Essa sociedade, segundo Debord, tinha como mentores os grandes grupos de comunicação, sustentados e dirigidos por interesses econômicos obscuros. Os meios de comunicação social seriam ao mesmo tempo os donos e os diretores do espetáculo forjado em que se estava transformando a vida das pessoas.

Ainda que se possa fazer, hoje, uma ou outra observação crítica a respeito dos estudos de Guy Debord, é forçoso reconhecer ao menos o valor de grande parte de suas intuições. De fato, nunca os profissionais do espetáculo tiveram tanto poder: invadiram todas as fronteiras e conquistaram todos os domínios – da arte à economia, da vida cotidiana à política –, passando a organizar de forma consciente e sistemática o império da passividade.

O livro é, sem dúvida, a mais aguda crítica à sociedade que se organiza em torno dessa falsificação da vida comum. A edição brasileira inclui dois trabalhos posteriores – um de 1979, outro de 1988 – em que Debord comenta sua própria obra.

E nós, Religiosos(as), com isso?

Boa pergunta! O que é que nós temos a ver com essa sociedade do espetáculo, afinal? Não somos artistas, não somos famosos, não precisamos aparecer... Muito pelo contrário, precisamos, isto sim, desaparecer para que a Boa-Nova de Jesus apareça e transforme o mundo. A nossa consagração certamente nos convida a viver na humildade, na simplicidade, sem nada de *glamour* (!).

Por mais estranho que isso possa parecer a certos(as) Religiosos(as) modernos(as), ao nos decidirmos pela Vida Religiosa Consagrada optamos necessariamente por um estilo simples, sóbrio, recatado de viver. Perdoem-me, mas esta não é, como pensam algumas pessoas, uma questão de opção pessoal. A simplicidade, a sobriedade, o recato fazem parte do ser Religioso, e fora desse estilo de vida não se pode falar de Vida Religiosa autêntica. Consequentemente, devemos viver o dia a dia bem longe dos holofotes, e o nosso trabalho pastoral, seja ele qual for, não precisa desses palcos iluminados, dessas produções armadas pela grande mídia. Em vez de no palco (ala vip?), devemos estar nas arquibancadas, ou na geral, de preferência. O espetáculo da Vida Religiosa Consagrada, vamos dizer assim, é o espetáculo da vida, essa vida maltratada, de várias formas, nos dias de hoje.

Nossos votos religiosos nos remetem ao anonimato, solitários sempre mais e mais com os sofredores, sobre os quais nenhum holofote é projetado. Os sem-fama, aqueles e aquelas que não existem para o mundo do espetáculo midiático, são a nossa razão de ser. Com toda certeza não necessitamos de aplausos, muito menos de falsos aplausos. Nosso prêmio, o único ao qual almejamos, é aquele prometido por Jesus: “Em verdade eu vos digo: ninguém terá deixado casa,

mulher, irmãos, pais ou filhos por causa do Reino de Deus sem que receba muito mais no tempo atual e, no mundo futuro, a vida eterna” (cf. Lc 18,29-30).

Boa resposta! Mas talvez nem sempre seja tão sincera. A Vida Religiosa Consagrada não existe fora do planeta Terra. Não podemos criar um “mundo ideal” para nele seguirmos de forma mais radical o Evangelho, como nos pede a vocação religiosa específica. Para o bem ou para o mal, a nossa consagração só pode ser vivida neste mundo real, com todas as suas contradições, riscos e possibilidades também. O Deus de Jesus Cristo, a quem queremos servir com o nosso testemunho de vida, sobretudo, é um Deus encarnado, não nos esqueçamos disso! Ele assumiu nossas dores, nossas fragilidades, com exceção do pecado.

Então, se somos Religiosos(as) NESTE MUNDO, temos de ter a consciência de que sempre haverá chances de estarmos no palco... E o diabo da vaidade ronda nossas casas e nossas mentes, por que não? A sociedade do espetáculo, afinal, não perdoa nem mesmo os(as) Religiosos(as). Aliás, diga-se de passagem, não é nenhuma novidade o fato de que muitos Padres, Irmãos e Irmãs gostam demais dos holofotes... Com a desculpa de estar evangelizando, tem gente se achando verdadeira estrela, com fome e sede de glória e fama! Celebrar o casamento de gente rica e famosa, ou ser entrevistado(a) por um(a) apresentador(a) global, é o máximo! O *ibope* cresce e Deus se transforma em *show*! E tem mais: os camarins religiosos não ficam nada a dever aos camarins de um(a) *popstar*, isto é fato. Os megaeventos religiosos e as missas *show* estão aí mesmo para confirmar o que estamos dizendo. Mas cá pra nós, uma coisa é liturgia bonita e bem participada, outra coisa é produção midiática!

Finalmente...

Diante dos apelos lançados por essa cultura, que molda a sociedade atual, a Vida Religiosa Consagrada é chamada a reafirmar o seu projeto de vida. Isto significa remar contra

a correnteza, ninguém duvide! Toda aceitação passiva desses projetos midiáticos, que visam apenas à fama e à glória, coloca em perigo a consagração religiosa. A pessoa consagrada é uma espécie de peixe fora d'água, alguém que se sente incomodado com os esquemas desse mundo e luta tenazmente para mudar esse estado de coisas, tendo como parâmetro os valores evangélicos. Talvez o valor mais depreciado atualmente, digamos assim, seja o valor da simplicidade, um traço muito peculiar, algo intrínseco mesmo à Vida Religiosa Consagrada. Nesse sentido, vale a pena recordar a Palavra de Jesus: “Pois todo aquele que se eleva será rebaixado, mas quem se rebaixa será elevado” (cf. Lc 14,11).

No tempo do noviciado aprendemos muitas coisas que, com o passar dos anos, parece que vão se perdendo na memória e se apagando no coração. Está na hora, então, de lembrarmos o abcê da Vida Consagrada, o básico do básico: a Vida Religiosa Consagrada nasceu do contra. Nossos(as) Fundadores(as) desejaram se opor radicalmente (às vezes doando a própria vida) a tudo aquilo que degradava o ser humano e destruía o projeto do Reino. Assim, independentemente do carisma de cada Família Religiosa, decidimos ser contra toda forma de vida não inspirada e guiada pelo Evangelho. A Vida Religiosa Consagrada, ontem como hoje, não tem como ficar a favor de um sistema que, em sua raiz, desmente o projeto de Jesus Cristo Nosso Senhor. Afinal, ele mesmo afirmou: “Todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, o Filho do Homem também há de se declarar por ele diante dos anjos de Deus. Mas aquele que me tiver renegado diante dos homens será renegado diante dos anjos de Deus” (cf. Lc 12,8-9).

Tudo bem. Se quisermos, hoje, ser a favor, haveremos de angariar elogios e aplausos, a nossa Congregação ficará famosa também, e talvez até fature um bom dinheiro. No entanto, já não seremos testemunhas de nada, absolutamente nada, a não ser da nossa própria vaidade! Tudo com muito *glamour*, é claro!

Plim-Plim!

Para quem quiser aprofundar o assunto, recomendamos:

1. DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Editora Contraponto.
2. CASTRO, Valdir José de; NOVAES, Cláudio. *Comunicação e sociedade do espetáculo*. Editora Paulus.
3. MORAES, Dênis de. *Sociedade midiaticizada*. Editora Mauad.

O Vaticano II redescobre a preciosa pérola evangélica: a vida doada à perfeita caridade

CARLOS JOSAPHAT, OP*

O Concílio define e enaltece a Vida Religiosa qual Amor gratuito e criativo no coração da Igreja, empenhado em enfrentar, hoje, o utilitarismo egocêntrico do mundo globalizado.

Após meio século, o Vaticano II confirma ser mesmo o “maior de todos os Concílios” (Paulo VI). Resplandece pelo que foi e pelo que fez. E também se faz sentir e desejar pela falta que faz tudo o que não pode ainda realizar plenamente.

Foi o *maior de todos os Concílios*, porque o mais evangélico na qualidade e excelência do Amor que conseguiu anunciar. E se mostrou o mais humano, pelo amplo e carinhoso abraço com que tentou envolver o mundo inteiro.

Merecem sempre admiração os vinte primeiros e veneráveis Concílios da santa Igreja. Mas como não amar o Vaticano II?

Um primeiro olhar sobre o Concílio e a Vida Religiosa

Com a audácia de quem larga os caminhos batidos da mediocridade e da burocracia, o Vaticano II define a Igreja como Mistério do Amor, formada pelo que para outros é o “simples povo”, mas que é tido e enaltificado pelo Concílio como o Povo de Deus. Pois todo ele é chamado à santidade e dotado da missão bem sua de viver, anunciar e testemunhar o Evangelho no meio do mundo.

* **Carlos Josaphat** é religioso dominicano, teólogo, professor emérito da Universidade de Fribourg, Suíça, autor de mais de três centenas de livros de teologia e espiritualidade com ênfase na Vida Religiosa. **Endereço do autor:** Rua João de Santa Maria, 142, Jardim da Saúde, CEP 04158-070, São Paulo-SP. E-mail: frei_carlos@uol.com.br.

Era necessário homologar o trabalho inaugurado pelo Vaticano I, acabando de elucidar, de maneira mais aprimorada, o caráter hierárquico do ministério apostólico da Igreja. Nesse ponto de maior importância para viabilizar seu objetivo primordial, que é realçar o Mistério salvador, realizado por Cristo e presente na Igreja, a originalidade do Concílio está em insistir na Colegialidade, que é a forma de Comunhão própria desse ministério.

É o que se expõe com força e clareza no capítulo III da constituição *Lumen Gentium*. Esse capítulo vem precedido de dois outros que merecem o nome de fundadores; e é seguido de mais quatro, todos voltados para o essencial da Igreja, para o desígnio de Amor, que ela deve realizar, e a cujo serviço a Hierarquia tem a grandeza de ser consagrada. Essa doutrina inovadora, imprescindível para obviar a tendência concentradora do poder absoluto na cristandade, virá ainda amplamente desenvolvida no decreto *Christus Dominus*, sobre o múnus dos bispos, cujos cuidados e preocupações se estendem a toda a missão da Igreja no mundo, bem como sobre as Igrejas particulares, em cuja união se realiza plenamente a realidade da Igreja universal (cf. *LG*, n. 13; *CPE*, n. 6).

Lumen Gentium é, portanto, antes de tudo, a Carta Magna do Povo de Deus. Já o primeiro capítulo o mostra e, com certa ênfase, o proclama de Deus, porque ungido pela graça do Espírito de Amor e Santidade, emergindo como povo sacerdotal, profético e régio. Ele inaugura na existência de cada pessoa e no seio da história de toda a humanidade o *culto em espírito e verdade*, típico do Dom e da atitude que constituem a Nova e Eterna Aliança.

Nessa Igreja, que se professa plenamente evangélica, se resgatam, portanto, o lugar e a missão primordial dos fiéis, portadores e pregoeiros da santidade criativa e renovadora para a humanidade bem-amada de Deus. Em tal contexto emerge, em toda a sua força e beleza, a Vida Religiosa, a vida consagrada à busca da *perfeita caridade*. Para ela não se reivindica qualquer prerrogativa ou elevação do porte ou à semelhança da hierarquia eclesiástica. Aliás, como o

Evangelho, o Concílio não acolhe, antes inverte a questão de *quem é o primeiro*. Para ele, a Vida Consagrada se aprecia como o elemento mais íntimo, o coração da Igreja, definida sempre como Sacramento do amor, da comunhão e da reconciliação da humanidade com Deus.

Vaticano II, Concílio não de reformas ou retoques, mas de total conversão evangélica da Igreja

A comemoração dos cinquenta anos do Vaticano II será um jubileu tranquilo de quatro anos. Na duração desse quadriênio, dá para se entender os dezesseis documentos, não tanto em uma leitura e hermenêutica abstrata de textos e de teses acadêmicas. Esse tipo de leitura tem tido e terá um proveito cultural, nada desprezível. Mas o que toca à esperança da Igreja, sempre exposta a se ver fragmentada ou acomodada, é retomar o denso e caloroso processo histórico, tecido de livres discussões, cada vez mais amadurecidas, mais seguras de estar lançando uma etapa decisiva de um *aggiornamento* abrangente e profundo. Sob seus aspectos primordiais, ele se apresenta como uma revirada histórica, uma conversão evangélica que se fez esperar durante dezenas de séculos, desde os inícios da cristandade, em que se introduziu a corrida e até mesmo a luta pelo poder religioso e político.

Pela surpreendente convocação vinda de um jovem papa ancião, reúnem-se cerca de dois mil e quinhentos bispos, assessorados oficialmente por uns duzentos teólogos e ajudados por umas sete ou mais centenas de mestres nos vários ramos da teologia e da pastoral, que se juntaram oportunamente aos outros, a chamado dos padres conciliares. Esse carisma comunitário dos concílios ou sínodos vinha balizando os dois milênios da vida da Igreja, mas surgindo, quase sempre, em situações precárias, para enfrentar problemas ocasionais.¹ Agora, com os recursos e enfrentando os desafios da humanidade globalizada, o Vaticano II tem a graça e a coragem de colocar a Igreja como objeto de sua

1. A *História dos concílios ecumênicos*, de Giuseppe Albergio (org.), graças à colaboração dos melhores especialistas, permite a confirmação desta nossa asserção.

contemplação, mas também de um questionamento radical. Pela sua universalidade efetiva, foi o mais ecumênico dos concílios. Mas, sobretudo, tomou e passou a despertar a consciência do sentido e da responsabilidade de toda a Igreja diante da humanidade e à luz de Deus Amor, que a constituiu a tenda de sua Presença misericordiosa e salvadora.

Comemorar o evento conciliar é entrar nesse despertar evangélico da consciência e, pela consideração do processo histórico, penetrar na compreensão dessa nova etapa da vida e da marcha da Igreja. Houve uma longa preparação, praticamente de 1959 a 1962. No começo foi mais fortemente influenciada, se não comandada, pela Cúria Romana, que tinha o saber e a arte de compor projetos com o material do passado, para domesticar as inquietudes do presente. Bem noutro estilo, o Concílio se abre encantado com a bela e densa alocução de João XXIII, em 11 de outubro de 1962.

De início, as palavras pontificias apraziam bem mais como nuvens esvoaçantes de sonhos e aspirações, em contraste com a solidez, a segurança quase agressiva dos setenta projetos pré-conciliares que se começava a distribuir nesse primeiro encontro dos bispos. Esses projetos se ofereciam quais antologias bem entrelaçadas de textos condenatórios de Pio IX, concentrados e reforçados pela evocação das oitenta proposições do *Silabo*. Aliás, nos agitados começos do Vaticano I uns tantos cortesãos exagerados tinham chegado ao cúmulo de propor que essas sentenças fragmentárias fossem homologadas por aclamação, junto com a definição da infalibilidade do papa.

Mas o processo histórico do Vaticano II se inaugura e avança com o encontro mais e mais fraterno dos padres conciliares, que eram pastores de regiões e de comunidades sedentas de renovação, em sintonia com a maior comunhão na liturgia, na Escritura, no compromisso com uma ação social que buscava ainda seus caminhos. E o projeto renovador emerge aos poucos como o fio condutor e promissor que se vai tecendo com o diálogo, que é o meio normal pelo qual o Espírito suscita e fecunda a comunhão e o discernimento criativo na Igreja.

Durante a I Sessão, de 11 de outubro a 7 de dezembro de 1962, não se produziu nenhum documento. Houve, sim, não se pode olvidar, um gesto delicado e significativo como uma simples braçada de flores. Pela iniciativa de um Religioso, o teólogo dominicano M. D. Chenu, o Vaticano II lança uma saudação ao mundo, dando-se como o Concílio da Igreja e da humanidade. Era precisamente essa junção que convinha na aurora do Concílio. A Igreja, bem ela mesma, totalmente evangélica, libertada de um passado de ressentimentos, agora se mostra como a Assembleia jovial e efetivamente interessada pela humanidade. Então, seus primeiros dois meses de labor intenso foram gastos em se desfazer daquelas vestes surradas de polêmicas, controvérsias, condenações e anátemas, jogando na lixeira formas de linguagem e todas as mais disposições simbólicas de quem se define pela negação ou eliminação do outro.

O Vaticano II se anuncia totalmente diferente do Vaticano I, que ele, no entanto, completará e atualizará. A I Sessão aparece hoje como curta e densa etapa de formação de uma consciência conciliar, de autonomia colegial, assumida sob a conduta delicada dos dois grandes papas, João XXIII e Paulo VI. Esse modelo eminente de verdadeira colegialidade era, ao mesmo tempo, a amostra de um verdadeiro parlamento. Nele, as equipes, as lideranças, sem exclusão de ninguém, iam tecendo o consenso sobre o essencial, sobre as opções e orientações fundadoras de um Concílio inovador. Pois não traz preparados de antemão os pacotes de definições, nem mesmo cuidará de redigi-las, mas prefere tatear, trabalhar na paciência, se inspirando e apoiando no Evangelho do Amor, e olhando com serenidade para a realidade da Igreja e do mundo.

Surge e se afirma a consciência conciliar de uma eclesiologia teologal

Após pouco mais de um mês de encontros, diálogos e debates, a última semana de novembro e a primeira de dezembro de 1962 culminam em uma quinzena ainda mais

acalorada. Nela se precisam e definem a consciência comum e o querer decidido do Colégio dos Bispos. Eles optam por um concílio eclesiológico e renovador. Mas não atinam ainda com o seu conteúdo concreto, menos ainda chegam a discernir os caminhos e a balizar traçados ou mapas a seguir. Mas vão esboçando com segurança crescente o projeto de base: o Vaticano II será um Concílio eclesiológico, sim, mas não eclesiocêntrico, pois será o Concílio da Igreja toda voltada para Deus e em relação positiva com o mundo.

A data simbólica da ruptura com as hesitações e, sobretudo, com as propostas de acomodação é o dia 20 de novembro de 1962. A maioria dos bispos, homologada pelo Papa João XXIII, tomava a decisão de deixar de lado ou de reserva os projetos pré-conciliares, pois não iam na linha do pontífice nem da já pressentida reforma da Igreja. De maneira criativa, para responder ao feixe de aspirações entusiastas, mas imprecisas, de João XXIII, era imprescindível bem utilizar as etapas das Sessões e os intervalos, chamados logo de *Intersessões*, para buscar bem interpretar e determinar o *aggiornamento* evangélico da Igreja e a desejada abertura de suas portas e janelas a toda a humanidade. Pois era preciso ver e interpretar a ação do Espírito de amor, antecipando e preparando, no mundo, a oportuna intervenção da Igreja.

No seu *Diário*, João XXIII anota com fineza esses primórdios do seu Concílio. Ele evoca o desagrado que se anuncia entre os bispos e o propósito deles de deixar de lado os setenta projetos pré-conciliares. Destaca a liderança de uns *oito cardeais* e antevê novos projetos conciliares mais conformes com a primeira inspiração, que ele mesmo tentava dar ao Concílio. Na verdade, o Cardeal Suenens chegava a sintetizar a opção primordial e fundadora de um concílio que visará pôr em destaque a Igreja, considerada em sua comunhão – a Igreja *ad intra* –, e a Igreja Missão, a Igreja em suas relações com a humanidade, concretamente com o *mundo* de hoje – era a Igreja *ad extra*. No dia 7 de dezembro (de 1962), os padres conciliares se despedem para a chamada *Intersessão*, levando condensado em poucas páginas manuscritas o esboço da opção primordial que marcaria o futuro do Concílio.

A escolha de base consistia, portanto, em uma eclesiologia da Comunhão e da Missão da Igreja, que se reconhecia e definia como Dom da salvação acolhido no louvor, na ação de graças e no dom de si ao mundo. Era, de fato, um projeto de conversão, que a Assembleia conciliar haveria de começar a viver para passar, em seguida, a toda a Igreja e à humanidade. Essa conversão tem tudo de um novo Pentecostes, no sentido de ser um momento ou uma etapa de acolhida do Espírito, do Dom que ele é e dos dons que ele difunde.

Tudo, então, para a Igreja em Concílio e, hoje, para a Igreja pós-conciliar, se concentra nesta questão crucial: qual é o Princípio, qual é a Fonte dessa conversão renovadora da Igreja, de seu *aggiornamento* pentecostal?

Desde o fim da I Sessão se reconhece e proclama a natureza e a vida da Igreja como a comunhão, como o *mistério* da presença do Amor criador e santificador, no centro do mundo e da história. O Vaticano II já faz a opção e quer levar a Igreja a optar por esse Amor universal, como princípio de toda a compreensão da Verdade divina e humana, como fonte primeira da Sabedoria contemplativa e de todo discernimento prático orientador da vida e da atividade da Igreja.

É à luz dessa compreensão teologal de si e da Igreja que, já nos seus primórdios, o Concílio lança seu primeiro olhar e conduzirá toda a sua reflexão sobre a Vida Religiosa, nela vendo o que há de mais profundo, o dinamismo institucional e criativo da vida mesma da Igreja. A Vida Consagrada, na riqueza e diversidade de suas formas e modelos históricos, passará, então, a constituir o objeto do estudo, da análise e da busca de uma renovação à imagem e em sinergia com a renovação de toda a Igreja.

Um as poucas sementes nas mãos de João XXIII

Nada de mais sugestivo do que ver bem de perto brotar, germinar, crescer e esgalhar um projeto de esperança. O grande projeto conciliar visando dar corpo e viabilidade ao *aggiornamento* da Igreja vai se revelando e desdobrando em

um feixe de projetos precisos e conexos. A nova visão evangélica da Igreja é a fonte da nova visão da Vida Religiosa, opção radicalizada dos conselhos, ou melhor, dos valores evangélicos.

Um gesto gracioso de João XXIII nos encanta e nos comove. O Vaticano II vivia e vibrava no momento denso e dificultoso em que juntava todas as suas energias para decolar no sentido do Amor Criador que tornava a Igreja criativa. Vivia intensamente a hora das opções decisivas e conclusivas da I Sessão. No meio dos esboços de projetos que haveriam de viabilizar o projeto global da renovação da Igreja, emerge a admirável figura discreta e profética de João XXIII. Na sua simplicidade e na força de sua fé, ele mostrava a consciência de que a realização de seu sonho excedia todas as forças humanas e, mais concretamente, as possibilidades da Igreja institucional, se contasse apenas com a conjugação de habilidades burocráticas. Dava graças porque os líderes e equipes de bispos e teólogos assumiam uma atitude de busca e interrogações em um clima de esperança. Com satisfação vê projetos ainda bastante vagos, que iam surgindo em torno do projeto central de uma eclesiologia evangélica de comunhão e de missão.

Então, entre outras sugestões transmitidas aos padres conciliares, no grande respeito pela colegialidade que ia tomando corpo, João XXIII sugere e aprecia os projetos em sua forma germinal. Pois não é que ele tem em mãos um punhado de sementes que vem a ser o simples prenúncio de um projeto para ativar e renovar a Vida Religiosa? Como compreender, elaborar esse projeto, tido e proposto pelo papa, que o via como uma contribuição primordial e decisiva para o pleno êxito da renovação evangélica da Igreja?

Não há dúvida, é bem minúsculo o primeiro projeto que o humilde papa profeta tem nas mãos e vai passando à primeira Comissão que se ocupará do *aggiornamento* da Vida Religiosa. São quatro pontos bem pragmáticos, inspirados pela orientação que ele quer dar ao Concílio, mirando buscar e propor formas e modelos de vida, não multiplicar inócuos tratados abstratos.

As quatro indicações dadas por João XXIII começam por enunciar em sua generalidade: *a renovação da Vida Religiosa*. Os outros pontos bem práticos eram como modelos das questões e problemas concretos que se ofereciam como imenso campo da *renovação e adaptação da Vida Religiosa*. Salientava-se a necessidade de união das várias entidades da Vida Consagrada para, juntas, prosseguirem os grandes objetivos do Reino de Deus em seus ministérios apostólicos. Enfim, ajunta-se uma referência bem direta sobre detalhes como o *hábito*, apontando para o rosto atualizado que convém aos Religiosos e às Religiosas em meio ao mundo moderno.

A renovação das Instituições, dos quadros e, sobretudo, da natureza da Vida Religiosa no centro das preocupações e marcha progressiva do Vaticano II

Durante o intenso labor da elaboração e redação dos dezesseis documentos conciliares, a partir do início da II até o fim da IV Sessão, a minúscula sugestão de João XXIII vai se encorpando, assumindo um projeto próprio. Este marcha com os outros projetos, crescendo em volume e, sobretudo, em qualidade graças ao progresso e ao influxo contínuo e conjunto dessa Assembleia de bispos e teólogos. Nas Sessões plenárias, as correções, as indicações e sugestões são sempre numerosas. Tendem, em geral, a precisar a compreensão doutrinal, bem como os meios e caminhos da projetada renovação da Vida Religiosa.

Os critérios gerais se delineiam com clareza. Tendo em conta os projetos sucessivos, resultando do vaivém entre as Comissões e as Sessões plenárias, pode-se condensar a marcha do futuro. O decreto *Perfectae Caritatis* visa à renovação e à adaptação das Instituições e da vitalidade da Vida Consagrada. Destaca-se e se aprimora o leque de critérios propostos por centenas de padres conciliares. O que significa uma ampla troca de ideias e de experiências. Pode-se ver nesse intercâmbio um modelo proveitoso para a história

futura das Instituições e dos responsáveis da Vida Religiosa na Igreja.

Emerge sempre a referência primordial à perfeição da Caridade segundo o Evangelho. Essa perfeição é, por vezes, caracterizada como a opção dada aos *conselhos evangélicos*, expressão já então tradicional que serviu e pode servir como ponto de partida. Na verdade, o que é esclarecedor não é a distinção de *conselhos* (facultativos) e de *mandamentos* (obrigatórios). O que prevalece, e com razão, é a radicalidade evangélica, a orientação evangélica em sua integralidade, assumida, vivida em dom total de si e em uma forma de vida organizada para dar corpo e influxo efetivo a essa opção radical.

Sob o ângulo histórico, convém ainda notar que, no decorrer do processo do conjunto do Concílio, a Vida Religiosa está constantemente presente, como tema relacionado com os outros campos e as demais atividades importantes da Igreja. Tem-se a comprovação da grande verdade já lembrada pelo Vaticano II na constituição *Lumen Gentium*: a Vida Religiosa constitui um elemento essencial da própria Igreja, está em todas as suas atividades específicas, concorrendo para dar aos trabalhos e cuidados da comunidade eclesial seu verdadeiro caráter evangélico e apostólico.

Verifica-se, assim, aquela espécie de vaivém entre a Comissão que aprimora progressivamente o projeto da renovação e adaptação da Vida Religiosa e as outras Comissões, que atravessarão as quatro sessões estudando e modelando os diferentes domínios e os vários aspectos da Missão da Igreja. O decreto *Perfectae Caritatis*, finalmente aprovado em 28 de outubro de 1965, tinha passado por várias redações, acompanhando o amadurecimento do Concílio e sua visão progressiva de outros temas. Na verdade, o Vaticano II se revela, no conjunto e nas particularidades, como um trabalho comunitário, cujos bons resultados decorrem de uma conjugação fraterna de esforços.

O que há de mais típico na Vida Religiosa se destaca neste dado importante: ela é e se mostra como fazendo parte da vida da Igreja. O que se acentua mais ainda com a nova

insistência do Vaticano II de definir e caracterizar a Igreja como escola universal de santidade, de perfeição da Caridade, a cuja busca se ordenam os objetivos, as atividades e as Instituições da Vida Religiosa.

O Concílio redescobre e destaca a pérola mais que preciosa: a vida doada à perfeita caridade

Jamais se exagera essa opção conciliar, bem ligada à compreensão que o Vaticano II mostrou de sua identidade, de estar *ouvindo e vivendo a Palavra de Deus (Dei Verbum, n. 1)*, bem como da comunhão e da missão que atribui à Igreja, como suas propriedades essenciais. A Vida Religiosa é e será, então, incluída como elemento constitutivo da Igreja na constituição *Lumen Gentium* (Capítulo V) – o que é uma novidade do Vaticano II. Este lhe consagra ainda um decreto (*Perfectae Caritatis*, 28 de outubro de 1965), resultado de uma reflexão permanente durante toda a marcha laboriosa do Concílio. Esse dado importante, já notado em nosso apanhado histórico, funda agora nossa reflexão doutrinal sobre essa nova visão da Vida Consagrada e sobre suas vicissitudes neste meio século pós-conciliar.

De maneira bastante metódica em sua exposição, mas também para favorecer as releituras e aplicações renovadas de sua mensagem, o Concílio primeiro põe em relevo os princípios gerais, sempre válidos e a que se deve sempre voltar como as referências constantes, imprescindíveis para a autenticidade da própria Vida Religiosa.

Em seguida, ele indica os domínios concretos, os meios e condições de aplicação dos princípios fundadores e inspiradores da vitalidade e da renovação constante das pessoas, das Instituições e atividades dos Religiosos e das Religiosas.

A conveniente renovação da Vida Religiosa compreende não só um contínuo regresso às fontes de toda a vida cristã e à genuína inspiração carismática dos Institutos, mas inclui também a sua adaptação às novas condições dos tempos.

Princípios fundadores da renovação e adaptação da Vida Religiosa

[...]

Esta renovação, sob o impulso do Espírito Santo e a orientação da Igreja, deve promover-se segundo os princípios seguintes:

- a) Dado que a Vida Religiosa tem por última norma o seguimento de Cristo proposto no Evangelho, deve ser esta a regra suprema de todos os Institutos.
- b) Reverte em bem da Igreja que os Institutos mantenham a sua índole e função particular; por isso, sejam fielmente aceites e guardados o espírito e as intenções dos fundadores, bem como as sãs tradições, que constituem o patrimônio de cada Instituto.
- c) Todos os Institutos participem da vida da Igreja, e, segundo a própria índole, tenham como suas e favoreçam quanto puderem as iniciativas e empresas da mesma Igreja em matéria bíblica, dogmática, pastoral, ecumênica, missionária e social.
- d) Promovam os Institutos nos seus membros o conveniente conhecimento das circunstâncias dos tempos e dos homens, bem como das necessidades da Igreja; de maneira que, sabendo julgar sabiamente das situações do mundo dos nossos dias à luz da fé, e ardendo de zelo apostólico, possam mais eficazmente ir ao encontro dos homens.
- e) Dado que a Vida Religiosa se ordena antes de tudo a que os seus membros sigam a Cristo e se unam a Deus, mediante a profissão dos conselhos evangélicos, deve pesar-se seriamente que as melhores adaptações às necessidades do nosso tempo não sairão efeito, se não forem animadas da renovação espiritual, que sempre, mesmo na promoção das obras exteriores, deve ter a parte principal.

Crítérios práticos para a sua renovação

O modo de viver, de orar e trabalhar seja devidamente adaptado às condições físicas e psicológicas, bem como, segundo a índole de cada Instituto, às necessidades de apostolado, às exigências de cultura, às situações sociais e econômicas, e isto em toda a parte, mas sobretudo em terras de Missões.

Segundo estes mesmos critérios, examine-se também o modo de governo dos Institutos.

Por isso, as constituições, os *diretórios*, os livros de costumes, de orações, cerimônias etc., tudo seja revisto convenientemente e, pondo de lado as prescrições obsoletas, adaptem-se aos documentos deste sagrado Concílio (*Perfectae Caritatis*, n. 2-3).

Novos caminhos para ativar a fidelidade aos valores evangélicos e aos carismas fundadores

No conjunto, o projeto dessa *adaptação* parece ter sido bem-aceito e a Vida Religiosa mudou bastante de rosto, com maior ou menor felicidade. Mas o verdadeiro desafio estava e está na *renovação*, na criatividade a partir da referência constante ao Evangelho e ao carisma dos(as) Fundadores(as). A dificuldade vem configurada nesta espécie de analogia das atitudes e das situações históricas: como fazer hoje, no contexto dos sistemas sociais e culturais da Modernidade, tudo aquilo que realizaram as Fundadoras e os Fundadores, nos contextos e no clima de cristandade, em um mundo em todo ou em parte ainda pré-científico e pré-tecnológico?

Falando diretamente dos Religiosos, e muito especialmente aos Religiosos no decreto *Perfectae Caritatis*, o Concílio abre ou aponta caminhos para a renovação dos quadros institucionais e das formas e dos comportamentos, tendo como inspiração e motivação efetiva assegurar, aqui e agora, a busca da perfeição da caridade e a irradiação desse projeto essencial. Mas, segundo o próprio Concílio, para o conjunto da Igreja e especialmente para a Vida Religiosa, que é o dinamismo especial da caridade no coração da Igreja, a verdadeira renovação só será efetivamente viável se houver um conhecimento das realidades complexas e ambivalentes da humanidade Moderna e Pós-Moderna.

Concretamente, isso significa que as pessoas e comunidades religiosas tenham em mente, e como critérios, as indicações, os programas de ética fundamental, pessoal e social

da constituição pastoral por excelência, *Gaudium et Spes*. E assumam e prolonguem as análises inauguradas nessa constituição em vista de uma reforma de base da vida familiar, da vida econômica, política e comunicacional. Pois esses sistemas condicionam a qualidade humana dos sistemas de educação, de opinião pública, de saúde, nos quais se hão de inserir os projetos de apostolado, de evangelização e promoção social dos Religiosos e das Religiosas.

Todas essas atividades apostólicas, culturais e sociais mantidas e orientadas por entidades religiosas se constituem normalmente em empresas econômicas, regidas e dominadas pelas leis econômicas: do proveito, do rendimento, do lucro, da concorrência – com o risco de impregná-las das ambições e interesses financeiros, criando barreiras intransponíveis à promoção dos valores evangélicos e humanos.

Todas as pessoas, todas as Comunidades e Instituições religiosas não estariam hoje condenadas a fazer, todas, as mesmas coisas, a orientar e realizar suas atividades, sem grande originalidade, sem qualquer afinidade real com o carisma e o exemplo dos Fundadores e Fundadoras? Aqui bate o ponto. Para além dos desafios, a crise da acomodação e da mediocridade ameaça hoje toda vida humana, a vida cristã e, mais ainda, a Vida Religiosa. O Vaticano II incita a opções por uma fidelidade radical e criativa ao Evangelho, com os olhos voltados para a humanidade tal qual ela é e em referência ao que ela deve ser.

O Concílio propõe paradigmas sem descer a modelos práticos, sem determinar formas concretas de viabilidade. Para o conjunto da Igreja, e muito especialmente para a Vida Religiosa, os documentos conciliares fornecem critérios para suscitar e guiar o discernimento. Especialmente na constituição *Gaudium et Spes*, se traçam as grandes linhas para apreciar os sistemas sociais, que a Igreja e as comunidades religiosas deverão encontrar e enfrentar nas suas atividades pastorais, de evangelização e de promoção de uma sociedade justa e solidária.

O empenho primordial do conjunto dos Religiosos, dos seus responsáveis em todos os níveis, há de ser viabilizar os

valores evangélicos, discernindo e mesmo construindo modelos de ação apostólica em forma de integração, de inserção na sociedade tecnológica ou criando formas alternativas em relação aos sistemas dominantes.²

O Vaticano II foi e deve ser acolhido como um Concílio criativo nas suas opções e posições de base e como empenhado em despertar criatividade, especialmente nas pessoas e comunidades consagradas ao Amor desinteressado e Universal. Sem criatividade, as Instituições religiosas poderão no máximo se desfazer de práticas mal ajustadas, de organizações rotineiras e antiquadas. Mas correrão o risco de definharem, vítimas de sua própria mediocridade, de minguar, a ponto de mal conseguirem conservar seus quadros. Comemorar o jubileu do Vaticano II não será o momento de encontrar a capacidade de mostrar a beleza da radicalidade do Evangelho resplandecendo em Instituições e modelos que superem o utilitarismo egocêntrico pessoal e corporativo, mas sabendo se manter presentes e ativos na sociedade, em sintonia crítica com as aspirações e os valores da Modernidade?

Todo o ideal de total dom de si, no discernimento lúcido, crítico e criativo dos valores humanos e evangélicos, na fidelidade dinâmica e no diálogo compreensivo, toda essa mensagem do Vaticano II foi bem acolhida, encontrando, no entanto, dificuldades por vezes seculares. Ela aí está como a grande esperança, pois atualiza e busca viabilizar, para os Religiosos e as Religiosas, aquela sentença de luz e de fogo que dá sentido e elã a nossa vida: *amarás de todo o teu coração e com toda a tua inteligência*.

Indicações bibliográficas sumárias

Ao mesmo tempo que este artigo, está sendo confiado ao prelo um pequeno livro, animado no mesmo espírito e com a mesma despreensão: *Vaticano II. A Igreja aposta no Amor Universal*.

Dentre a imensa e valiosa bibliografia sobre o Concílio, merecem destaque os estudos sobre a sua marcha histórica e

2. Entre meus livros, dois se consagram a prolongar as indicações e projetos propostos pelo Vaticano II: *Crer no Amor Universal. Visão histórica, social e ecumênica do "Creio em Deus Pai"*. São Paulo: Loyola, 2001. *Ética mundial, esperança da humanidade globalizada*. Petrópolis: Vozes, 2010.

sobre a mensagem dos dezesseis documentos. São acessíveis em português e outras línguas os dois tipos de publicação realizados (em parceria com as Edições Du Cerf), desde 1966, pela Editora Vozes, de Petrópolis:

- Comentários históricos da elaboração dos documentos.
- Comentários dos textos conciliares.

Ambas essas Coleções contam com a colaboração não apenas de especialistas, mas de teólogos do próprio Concílio.

Por outro lado, sempre se recomenda os diferentes estudos de Giuseppe Alberigo e de José Oscar Beozzo.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O Vaticano II contribuiu para alguma mudança importante na sua Comunidade religiosa?
2. Há algum valor evangélico mais difícil de ser praticado na Vida Religiosa hoje em dia?
3. O carisma essencial do(a) seu(sua) Fundador(a) está bem atualizado e ativo nas atividades apostólicas da Congregação/Instituto?

Pastoral, teologia e Vida Religiosa. Testemunho e breves reflexões

AFONSO MURAD*

Recebi convite da revista *Testimonio*, da Conferência dos Religiosos do Chile, para escrever um testemunho pessoal sobre *o que a teologia acrescentou à minha formação religiosa*. Trata-se de estilo ao qual não estou acostumado, pois o(a) teólogo(a) normalmente não se autoimplica no seu discurso, dizendo *eu penso assim, eu vivi esta experiência* etc.

Vale recordar que todo testemunho, seja de uma pessoa viva, seja falecida, visa a estimular a vivência de determinados valores.

Por sua própria finalidade, destaca os elementos positivos e minimiza as ambiguidades, incompletudes e fragilidades da pessoa em questão. Contudo, pode suscitar no interlocutor uma visão idealista de quem se apresenta, o que não corresponde ao todo da realidade. Além disso, o contexto atual não é favorável. Prolifera na atualidade certo personalismo perigoso, no qual o evangelizador acaba se colocando, de forma explícita ou velada, no centro do discurso. Em vez de anunciar Jesus Cristo e seu Reino, fala de si mesmo, dando ocasião para expansão das ervas daninhas do orgulho e da vaidade.

Então, correndo esses e outros riscos, vou me aventurar em tal tarefa, que partilho também com você, leitor(a) da *Convergência*. Reuni os fatos mais importantes em tríplice chave: pastoral, teologia e Vida Religiosa. Embora apresentadas separadamente, estão profundamente intrincadas. Ao final, destacarei algumas convicções e aprendizagens.

* **Irmão Afonso Murad** é religioso Marista, escritor, professor de Teologia na Faculdade Jesuíta (FAJE) e no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA) em Belo Horizonte-MG e membro da Equipe de Reflexão Teológica (ERT) da CRB Nacional. **Endereço do autor:** Rua Aimorés, 2480, bairro de Lourdes, CEP 30140-072, Belo Horizonte-MG. E-mail: amurad@marista.edu.br. Blog: www.afonsomurad.blogspot.com.

A pastoral com os pobres

Nasci e cresci numa família católica tradicional. Meus pais eram pessoas piedosas e comprometidas com a Igreja. Logo após o Concílio Vaticano II, a diocese onde eu vivia começou rapidamente a implantar mudanças visíveis: liturgia participada, diálogo com a sociedade, incentivo à formação de pequenas comunidades, protagonismo dos leigos. Quando tinha treze anos, participei de um encontro de final de semana para adolescentes e jovens promovido pelos Irmãos Maristas. Decidi participar do grupo que se formou a partir daí. O envolvimento nessa iniciativa pastoral, que contava com a presença forte de um jovem Irmão Marista, suscitou em mim o desejo de ser Irmão e dedicar-me à evangelização da juventude.

No ano em que terminava o ensino médio entrei numa comunidade vocacional. Meu formador, Irmão Raimundo Barbosa, homem bondoso, com sorriso largo e de grande amor aos pobres, tratou-me desde o início com carinho e respeito. Ele me incentivou a participar de grupo de *círculo bíblico* num bairro de periferia. O mesmo estímulo recebi do meu mestre de noviços, Irmão Zeferino Falqueto, que se deslocava no fim de semana conosco para estar junto de comunidades populares. Ali começou uma experiência de vida que me marcaria toda a existência: aprender com o povo a ler comunitariamente a Palavra de Deus, confrontando-a com a vida. Participei de círculos bíblicos em comunidades populares durante muitos anos, com diferentes grupos, em vários lugares onde morei: Campinas, Goiânia, Curitiba, Montes Claros, Belo Horizonte. Compreendi, então, o que Jesus expressou na oração de ação de graças: “Eu te louvo, Pai, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos” (cf. Mt 11,25).

A partir dos círculos bíblicos passei a atuar como *agente de pastoral* em Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Comecei na comunidade e na região. Daí fui para a equipe da diocese e, por um tempo, participei da coordenação de CEBs do Regional Leste II da CNBB. Tomei parte e

colaborei em encontros regionais e intereclesiais das Comunidades Eclesiais de Base. Das CEBs aprendi a respeitar a sabedoria do povo, a ser simultaneamente aprendiz e mestre, numa relação de iguais – com suas diferenças de cultura e de condições de vida. No meio das comunidades desenvolvi o senso de cidadania, de compromisso da fé com a transformação social. Vi muitas experiências bonitas de luta popular, de conquista de direitos, de organização e articulação, no campo e na cidade. Como esquecer os momentos em que, sentado num banquinho, na cozinha da casa, ouvia as histórias das pessoas, tomava café feito na hora e depois voltava para casa pensativo, misturando sentimentos de perplexidade, admiração e indignação. Recordo aqui, com gratidão, alguns dos meus *mestres do povo*: Seu Geraldo, Comadre Neuza, Dona Maria José.

Teologia da Libertação e Renovação Carismática

Quando, mais tarde, refleti sobre a *Teologia da Libertação*, percebi que ela é, antes de tudo, o empenho em pensar a fé em perspectiva social; iluminar a prática transformadora na Igreja e na sociedade a partir do protagonismo dos pobres. Por isso, refuto com firmeza aquelas leituras intelectualistas e preconceituosas que interpretam a Teologia da Libertação como *ideologia* (no mau sentido), *manipulação política da religião*, *leitura marxista da fé*. Para mim, a Teologia da Libertação não nasceu de teorias, mas sim do contato com homens e mulheres empobrecidos, com suas histórias de alegrias, sofrimentos e esperanças. Apesar de tantas crises e perseguições, a Teologia da Libertação permanece como um alerta às Igrejas cristãs: seguir a Jesus implica, ao mesmo tempo, um compromisso pessoal, comunitário e cidadão. Ilusório é esperar que a simples conversão de cada indivíduo conduzirá automaticamente a uma nova sociedade. Na realidade, pessoas e estruturas interagem constantemente. Por isso, a mudança de coração acontece com as transformações estruturais, e não simplesmente depois delas.

Atribui-se ao grande teólogo alemão Karl Rahner um breve comentário, que ele teria feito ao tomar conhecimento dos escritos da *Teologia da Libertação* de Gustavo Gutiérrez: “Por detrás da minha teologia há muitos livros, enquanto na teologia de vocês há muitas vidas”. Sim, vidas entregues, inclusive. O que mais emociona, quando penso na Igreja dos pobres (prática pastoral) e na Teologia da Libertação (reflexão), é o testemunho de tantos mártires. Quando eu morava no Norte de Minas, ainda jovem religioso, recém-professo, colaborei na implantação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) na região. Conheci, então, Eloy Ferreira da Silva. Era animador de círculo bíblico e morava à beira do rio São Francisco. Vivía com a família (mulher e dez filhos) e outros companheiros numa área devoluta, havia mais de vinte anos, e dedicava-se à agricultura e à pecuária de sobrevivência. À medida que cresceu na sua consciência cidadã, assumiu a luta pelo direito de acesso à terra na região. Era um homem sereno e firme. *Seu Eloy* foi brutalmente assassinado a mando de grandes grileiros, que pretendiam se apropriar da região, utilizando escrituras forjadas. Seu sangue derramado até hoje clama aos céus.

Certa vez, recebi de um amigo um CD com algumas homilias de Dom Oscar Romero. Nelas vem à tona uma espiritualidade que se encarna em realidades sociais conflitantes, desafiadoras, extremas até. Uns anos depois, quando visitei o túmulo de Romero e o museu onde se abrigam alguns objetos pessoais dele, fui tomado de enorme comoção. Na pequena e simples casa onde ele morou se conserva, entre outras coisas, a sua camisa manchada de sangue, com o furo da bala que o fulminou. Tal visita me falou mais do que muitos escritos de teologia, reuniões e celebrações. A memória viva dos mártires da libertação nos tira da zona de conforto. Testificam uma forma inequívoca de seguir radicalmente a Jesus, até a cruz. Modelo inspirador para cada cristão, e mais ainda para os que assumem publicamente o compromisso de estar no caminho de Jesus, em uma forma de existência singular. O martírio ensina à teologia que as palavras são servas dos gestos. A expressão, oral ou escrita,

serve para interpretar, descortinar sentidos, exercitar e ampliar a percepção, comunicar sentimentos, criar e fortalecer laços... Aqui reside sua beleza e seu limite. Palavra e gesto necessitam-se mutuamente. Por isso mesmo se diz, no início da *Dei Verbum*, que Deus se revelou a nós por palavras e gestos, intimamente relacionados.

Nos primeiros anos de minha formação participei da Renovação Carismática Católica (RCC), que estava em processo de implantação no Brasil. Fiz retiros de *renovação no Espírito*, animados por Haroldo Rahn. Frequentei a *Vila Brandina*, um dos núcleos de irradiação da RCC no Brasil. Tomei parte em grupos de oração durante vários anos. Com a Renovação Carismática aprendi a rezar sem fórmulas, com liberdade e emoção. Dilatei os espaços da interioridade, exercitei a oração gratuita de louvor e de ação de graças. Percebi que a oração não começa no cérebro, ao nutrir-se de muitas ideias e argumentos. Parte, sim, do coração, como a Bíblia o compreende: o núcleo da pessoa, onde convergem seus desejos, aspirações e percepções. Também na Renovação Carismática aprendi a orar com gestos, com as mãos, com o corpo, resgatando, assim, algo da minha tradição oriental.

O fato de ao mesmo tempo estar engajado na *Igreja dos pobres* e participar de um grupo carismático foi desafiador. As duas espiritualidades (pentecostal e da libertação) ora estavam justapostas, ora em conflito, ora em complementaridade. Isso me ajudou a conviver com as diferenças e a acolher tendências distintas na Igreja, quando são sustentadas por pessoas sinceras e em busca de Deus.

Aprendendo com os jovens

No correr de minha existência de consagrado, durante muitos anos me dediquei à Pastoral da Juventude. Enquanto era noviço, juniorista e jovem Irmão, acompanhei grupos de jovens nas comunidades. Em 1977, tomei parte do Concílio de Jovens, em Lins. Aquele evento deixou marcas indeléveis nos seus participantes e fez história. Organizado

pela comunidade ecumênica de Taizé em parceria com algumas pastorais, significou a tomada de consciência de um novo jeito de ser Igreja, na linguagem dos jovens. Sentimo-nos membros de uma grande corrente de homens e mulheres que, em pleno regime militar, ousávamos lutar pelas liberdades civis e *ser a voz dos que não tinham voz*. Descobrimos, com alegre surpresa, que em vários cantos do País havia religiosos(as), seminaristas, presbíteros e leigos morando junto dos pobres, partilhando com eles um *caminho de vida*.

para ampliar os horizontes. Presta-se, antes, a *encastelar* as pessoas, a partir de suas funções, conferindo-lhes um senso de segurança e de superioridade em relação aos demais. E, desgraçadamente, nas Igrejas cristãs há muitos espelhos e poucas janelas. Muitas torres e poucas escadas.

Na Bíblia, a imagem da Torre alude à ambivalência da condição humana. Positivamente, evoca o cuidado do ser humano com a plantação e com o rebanho, a atitude de estar atento, desperto, lúcido. É a torre do vigia. Também há referências às torres que protegem a cidade fortificada. Simbolicamente, cidade e cidadela são a imagem da comunidade dos crentes, constituída em torno da Aliança. Negativamente, a torre alude à vaidade e à autossuficiência humanas. Querer ser igual a Deus, afirmar-se à custa dos outros: eis a raiz do mito da *Torre de Babel*.

No início do Evangelho de João, Jesus anuncia que seus discípulos “verão o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (cf. Jo 1,51). Seguindo os passos de Jesus, o(a) teólogo(a) e o(a) pastor(a) *sobem e descem*, de muitas formas. Importa manter o movimento, fazer a ligação, fortalecer os vínculos, relacionar teoria e prática.

Da teologia à teologia da Vida Religiosa

A origem remota da minha vocação teológica vem da infância. Meu pai, imigrante libanês, sempre cultivou o hábito da leitura e estimulou os filhos para isso. Além de ler todos os dias o *Jornal do Brasil*, ele gostava da *Seleções do Reader's Digest*, publicação mensal norte-americana na qual se condensam artigos, revistas e livros. Na minha casa havia uma caixa dessas obras, que eu lia com curiosidade, mesmo sem entender algumas coisas.

Quando entrei na formação inicial dos Maristas, no ano de pré-postulado, pela primeira vez tive acesso a uma biblioteca de livros de teologia. Fiquei fascinado! Comecei a ler algumas obras, embora elas fossem difíceis. Um livro, recém-lançado, me tocou: *Jesus Cristo, libertador*, de Leonardo Boff. Li avidamente, e cada capítulo era uma descoberta,

embora não compreendesse ainda muitas coisas que estavam lá. Interessei-me pela Bíblia, e alguém me recomendou uma obra recente, em linguagem acessível e com forte impacto existencial: *Deus, onde estás?*, de Carlos Mesters. Identifiquei-me com a linguagem e com a abordagem. Durante meu noviciado fizemos um curso com J. B. Libanio sobre *Formação da Consciência Crítica*. Dali começou a relação com o *mestre Libanio*, que foi decisiva para minhas opções no futuro. Resumidamente, tive três figuras inspiradoras para ser teólogo: a poesia e ousadia teológica de L. Boff, a sensibilidade bíblica, espiritual e pastoral de C. Mesters, a metodologia e o rigor científico de J. B. Libanio.

No período dos meus votos temporários, trabalhei numa escola Marista e fiz o curso de Pedagogia, além de manter as atividades pastorais com as CEBs e a Pastoral da Juventude. Eu tinha sede de conhecer mais sobre a minha fé. Então, arranjava um tempinho para ler alguma obra teológica. No correr de quatro anos li espaçadamente todos os verbetes do *Dicionário de teologia bíblica* de León-Dufour, várias obras de Joaquim Jeremias e a coleção *Teologia para o cristão de hoje*, elaborada pelo Instituto de Würzburg e publicada pela Loyola.

Seis meses após os votos perpétuos comecei o curso de graduação em Teologia com os Jesuítas em Belo Horizonte, no então Instituto Santo Inácio (ISI), que hoje se chama Faculdade Jesuíta (FAJE). Tive a graça de ser aluno de grandes mestres, que articularam de forma ímpar a herança da teologia ocidental europeia com as questões emergentes da América Latina. Dentre eles, destaco M. França Miranda, F. Tabora, C. Palácios, R. de Gopegui e J. B. Libanio. Também fiz o mestrado em Belo Horizonte e na minha dissertação analisei a obra do Juan Luis Segundo. Ampliei o tema no doutorado, que cursei e concluí na Gregoriana de Roma, sob a orientação de F. Pastor. Então, voltei para o Brasil e recomecei a trabalhar com teologia e pastoral.

Adentrar no pensamento de J. L. Segundo ampliou meus horizontes. Esse teólogo uruguaio foi inovador em muitos aspectos. No final da década de 1960, reelaborou grandes

temas teológicos, como Trindade, Pecado e Graça, Igreja e Sacramentos, na coleção de cinco volumes intitulada *Teologia aberta para o cristão adulto*. Quando o tema da formação do laicato era praticamente desconhecido, Segundo já tomava iniciativas arrojadas. Suas obras são uma releitura da doutrina cristã em diálogo com grandes questões da Modernidade, como a subjetividade, a razão crítica e autonomia do sujeito, a visão científica do mundo, a busca de eficácia. Ele repensa a fé de forma madura, aberta, dialogal. Sua obra de cristologia, com os livros *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré* e *A história perdida e reencontrada de Jesus de Nazaré* descortina horizontes teológicos inusitados. Conhecer Juan Luis Segundo me preparou para dialogar com a Modernidade e a Pós-Modernidade.

Quando retornei ao Brasil, após o doutorado, em 1992, recebi o convite para fazer parte da Equipe de Reflexão Teológica (ERT) da CRB, fato que me causou grande alegria. Durante os oito anos da primeira etapa de participação, desabrochei em minha vocação teológica. A ERT tem uma dinâmica rara. Quando um dos seus membros escreve um artigo a ser publicado na *Convergência*, ou elabora capítulo para subsídio de reflexão (*os caderninhos da CRB*) ou para um livro, toda a equipe lê o seu texto e apresenta críticas e sugestões, de forma aberta e clara. Algumas vezes tive de refazer meus escritos a partir desse crivo crítico dos(as) meus(minhas) companheiros(as).

Além disso, a convivência com homens e mulheres empenhados em causas contemporâneas – como as questões de gênero, étnico-culturais, sociais e ambientais – e a partilha de diferentes carismas congregacionais possibilita que respiremos um clima de Vida Religiosa plural e enriquecedor. Recordo-me aqui, em especial, de dois companheiros já falecidos: Padre Toninho (o negro) e Frei Prudente Nery. Após um interlúdio de seis anos, em 2006 recebi o convite para voltar à ERT. Torno público aqui o nome da nossa equipe no ano de 2012, que trabalhou com muito afinco e sintonia: Maria Helena, Susin, Bárbara, Hélio, Márcio, Delir, Lúcia e Vera.

Teologia com a Vida Religiosa

Colaborei em Assembleias regionais e nacionais, seminários e outros eventos da CRB. Como me tornei conhecido no meio das Congregações, assessoriei também Capítulos Provinciais, Capítulos Gerais, Assembleias e dias de reflexão. Aproximar-me de uma Congregação diferente, com sua história e carisma, enriquece meu horizonte. Posso falar com propriedade de Vida Religiosa, a partir de pessoas, comunidades, províncias e Institutos concretos. Não se trata de um discurso geral e sem rosto. Cada uma delas tem sua particularidade. Com diferente intensidade, apresenta belezas e limites próprios. Quando presto assessoria a uma Congregação, trago comigo a pergunta: até que ponto meu saber é útil para seus membros? O que ela traz a exigir aperfeiçoamento ou revisão dos meus esquemas? Que novas perguntas e alternativas vem à tona?

Muitas questões que, às vezes, consideramos como típicas de nossa província ou Instituto estão também presentes nos outros. Tanto os problemas quanto as soluções. Então cresce em mim a consciência de que somos famílias religiosas distintas, com fortes laços de parentesco, em diferentes níveis. Até porque muitos de nossos(as) fundadores(as) foram influenciados ou influenciaram correntes de espiritualidade que se espalharam na Igreja e encontraram eco em outros espaços.

Durante meu tempo de formação eu pensava que somente minha Congregação tinha estas características: simplicidade e humildade, o espírito de trabalho, a referência a Maria como nossa primeira superiora e modelo de vida, a missão de tornar Jesus Cristo conhecido e amado, a presença junto às crianças e jovens... Qual não foi a minha surpresa quando, ao ler as Constituições de vários Institutos e ao conhecer de perto alguns deles, identifiquei vários elementos comuns na espiritualidade e no carisma. A configuração, no entanto, é diferente. Isso constitui a singularidade de cada Congregação.

Quando estamos juntos na CRB, nós nos fortalecemos tanto na identidade comum quanto aprendemos com as singularidades. Fazemos parte de uma história comum. Somos herdeiros de um patrimônio espiritual multissecular. Passamos por dilemas semelhantes. Por isso, a intercongregacionalidade não é um modismo ou perda de tempo. Antes, é uma das formas para descobrir, juntos, as probabilidades de futuro da Vida Religiosa, com um jeito de viver o seguimento de Jesus. Complexa é a sociedade contemporânea, com mudanças tão rápidas. Enorme e extensa é a crise da Igreja, ao optar institucionalmente pela segurança de um passado idealizado. Grandes são os desafios nos Institutos, a começar pela galopante diminuição de vocações jovens e pela dificuldade de reter os membros de meia-idade. Ou nos unimos para buscar soluções ou morreremos lentamente, cada um no seu canto.

Durante três anos participei da Equipe de Teólogos(a) da Conferência Latino-Americana dos Religiosos(as) (CLAR), o que dilatou meu horizonte geográfico e cultural. Senti-me como um cidadão latino-americano. Recordo-me em especial da originalidade do pensamento do jovem teólogo Angel Dario, de Porto Rico, e de Margot Bremen, biblista que atua no Paraguai.

Durante quatro anos e meio suspendi minha atuação de teólogo e pastoralista para desempenhar a missão de animação e governo na minha província Marista. A experiência de ser provincial e presidente da mantenedora me fez ver a Vida Consagrada também sob a perspectiva institucional. Provei a tensão entre profetismo e a manutenção das estruturas. Percebi, na prática, as possibilidades e os empecilhos à renovação da Vida Religiosa. Durante esse tempo não escrevi nenhum artigo de teologia. Aprendi que as demandas de teólogo e de provincial são muito diferentes e tomam grande parte de nossa energia vital. Por isso, raramente alguém dá conta de exercer simultaneamente os dois papéis.

Ao terminar a missão de provincial e colaborar no processo de unificação de duas províncias da minha Congregação, voltei a estudar. Queria ajudar as lideranças das Instituições

religiosas a atuarem de maneira eficaz, com mística. Fiz uma especialização em Gestão na Fundação Dom Cabral e dali surgiu o livro *Gestão e espiritualidade* (Paulinas Editora). Fico feliz quando recebo os comentários de Religiosos(as) e leigos(as) que avançaram na sua prática servindo-se dessa obra. Ela sinaliza uma experiência bem-sucedida de relação entre teoria e prática.

É fascinante refletir sobre a teologia da Vida Religiosa porque estou implicado nela. Não é algo externo. Embora como pesquisador eu exercite certa isenção e distanciamento, necessários para elaborar um saber com algum grau de cientificidade, sinto-me envolvido no que escuto, penso, falo, discuto e partilho. Tal emoção faz parte do meu modo de pensar, falar e escrever.

Destaco, ainda, alguns fatores que me ajudam tanto na vocação religiosa quanto na missão de teólogo. Durante alguns períodos fiz terapia, que foi um espaço de tempo privilegiado de autoconhecimento. Recordo-me em especial da psicóloga Beth Clark, mulher sábia, bem-humorada, competente e livre. Passei muitas vezes pela orientação espiritual, que me ajudou a manter o foco das grandes opções de vida. Expresso a gratidão ao Padre Quevedinho, que me acompanhou com palavras certas e textos bíblicos iluminadores. Por fim, sou grato às pessoas com quem partilhei e partilho minha intimidade, naquelas relações únicas, inesperadamente belas, construídas lentamente na fidelidade, no correr de anos.

Termino este testemunho-narração manifestando algumas convicções.

Breves afirmações sobre a relação entre Vida Religiosa, teologia e pastoral

- Na relação entre Vida Religiosa, teologia e pastoral, o núcleo unificador reside em responder ao chamado de Jesus para segui-lo mais de perto, caminhar com ele e com outros discípulos, alimentar a paixão pelo Reino de Deus, e ser missionário(a).

- A fé como adesão a Jesus e à sua causa pede racionalidade. Necessitamos compreender o que cremos (*des quae*), o que está testificado na Bíblia e é interpretado e aprofundado pela Igreja no correr dos séculos (Tradição, senso comum dos fiéis, magistério). Também constitui a racionalidade da fé a aptidão para interpretar as realidades humanas na perspectiva da Revelação. Por isso, pensar a *fé* e *a partir* da fé constitui algo necessário para o ser cristão na contemporaneidade. Há, ao menos, quatro níveis de teologia: a cotidiana, a de iniciação cristã, aquela voltada para os processos de evangelização (teologia pastoral) e a teologia acadêmica ou profissional. Para os(as) consagrados(as), a teologia pastoral é o mínimo necessário.
- A Vida Consagrada, forma de viver o seguimento de Jesus numa comunidade em torno de determinado carisma, carrega inéditas oportunidades da graça de Deus, como também ameaças reais. Não está imune à ambivalência das realidades humanas. A Teologia da Vida Religiosa presta o serviço de identificar os sinais luminosos da presença de Deus e alertar para os sinais tenebrosos de resistência e de oposição à sua oferta salvífica. Também a própria teologia não escapa de riscos e perigos. É chamada a se construir como um saber que interpreta, esclarece, desestabiliza, ajuda a descobrir caminhos, alimenta a esperança. Mas pode se degenerar num saber autossuficiente, pouco significativo, anacrônico, mesmo que doutrinalmente correto.
- Parafraseando Torres Queiruga, dir-se-ia que a teologia, em geral, a Vida Consagrada e a ação pastoral da Igreja colaboram, de distintas maneiras, na grande tarefa de tornar a experiência de Deus *vivível, crível e compreensível*. Nelas convergem as dimensões existencial, testemunhal e intelectual da fé. Gustavo Gutiérrez afirma que a teologia é ato segundo. Antes dela vem a prática do amor solidário e a mística. Do ponto de vista da espiritualidade cristã, o(a) teólogo(a) não é doutor(a), mas sim facilitador(a), intérprete, desbravador(a). Seu saber deve

ser consistente, alicerçado na Bíblia e na Tradição eclesial, e também significativo para distintos interlocutores, grupos e instituições.

- Estamos no limiar de superar a fragmentação que se manteve por séculos. Para a Vida Religiosa ativa atual, a aprendizagem da teologia e a prática pastoral não são simplesmente complementos, mas sim elementos constitutivos. Seguir Jesus, compreender e interpretar a experiência cristã e colaborar efetivamente na difusão do Evangelho é um amálgama rico e criativo. Tal percepção altera a maneira de compreender a formação inicial e permanente. Evitam-se, assim, os extremos do intelectualismo estéril e do ativismo superficial. No primeiro caso, há processos formativos meramente intelectuais, longe das questões existenciais e pastorais, que fecundariam o pensar teológico. No segundo, muito trabalho e pouco pensar. Quando vividos na tensão produtiva com a espiritualidade, o engajamento pastoral e a formação teológica contribuem para vivenciar a unidade fundamental entre consagração e missão.

Conclusão aberta

Após o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín a Vida Religiosa contava com um destacado grupo de jovens teólogos que, com seus escritos, conferências e assessorias, colaborou nos processos de renovação dos Institutos, na evolução da Vida Consagrada e na presença profética da Igreja na sociedade. Passadas várias décadas, é necessário investir na preparação de nova geração de teólogos e teólogas. Trabalho lento, cujos frutos serão colhidos mais tarde. Requer-se dos Institutos a generosidade, arrojada visão de futuro, a escolha de homens e mulheres com vocação intelectual, sensibilidade pastoral e espiritual em vista dessa missão.

A atuação de mulheres consagradas no ensino e na pesquisa da teologia contribuirá, a longo prazo, para a superação do androcentrismo e do clericalismo. Enriquecerá o

horizonte teológico-pastoral da Igreja com sua forma de sentir, refletir e organizar o pensamento.

O Brasil (e a América Latina) dispõe de excelentes centros acadêmicos de formação teológica, que oferecem uma reflexão consistente e significativa. Oxalá os Institutos ouçam esse apelo e não se deixem levar pelo imediatismo.

Que Maria, a perfeita discípula, que ouve, medita e pratica a Palavra, nos inspire no caminho do seguimento de Jesus. Que ela, mãe e figura da Igreja, suscite no coração de consagrados o desejo de conhecer Jesus e interpretar os Sinais dos Tempos à luz da fé. Para tal tarefa, a teologia é grande parceira.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Selecione alguns pontos, narrados pelo autor, que são significativos para você.
2. Na sua experiência de vida, como a pastoral ajuda a intensificar a consagração a Deus?
3. Como você percebe a relação entre teologia, pastoral e Vida Consagrada?

ALFREDO CRESTANI*

Introdução

Na era digital, cada dia mais se multiplicam as informações e estatísticas sobre o crescimento da longevidade da população. Há grande fertilidade de produções sobre o tema. A tônica dessa literatura incide sobre *viver mais e melhor*, dando qualidade à própria vida. O viver mais, de per si, não significa viver melhor e com sentido de vida. No meio do acervo de estímulos e apelos de natureza, o ser humano encontra dificuldades para dar sentido e densidade à sua vida; não raro, mesmo não procurando conscientemente, faz a experiência do vazio existencial. Há idosos que, não obstante tenham atingido uma idade a que eles nunca esperaram chegar, vivem a etapa da velhice com tal leveza e jovialidade que o acúmulo dos anos passa despercebido. Por sua forma de viver, transformam-se em alegria constante para três ou quatro gerações que os sucedem. Outros há, porém, que carregam seus anos com tamanho peso e dormência, o que os impossibilita de demonstrar alegria e contentamento. Transformam-se em fardo pesado para si e para os familiares.

Por que tamanha diferença entre pessoas que recebem os mesmos cuidados e desfrutam de oportunidades e meios abundantes para uma vida melhor? Tudo indica que as diferenças se explicam a partir da dinâmica que cada qual imprime à sua vida. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2003, definiu: “Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência

*Irmão Alfredo Crestani é religioso Marista, da Província do Rio Grande do Sul, psicólogo e escritor. **Endereço do autor:** Av. Independência, 359, ap. 1201, bairro Independência, CEP 90035-074, Porto Alegre-RS. **E-mail:** alfredo.crestani@maristas.org.br.

de doenças”. O *Guia para a Pastoral da Saúde* (GPS) para a América Latina e o Caribe amplia o conceito e acena para a missão: “Saúde é um processo harmonioso de bem-estar físico, psíquico, social e espiritual, e não apenas a ausência de doença, processo que capacita o ser humano a cumprir a missão que Deus lhe destinou, de acordo com a etapa”.

É possível continuar com espírito jovem

Os progressos do mundo globalizado e a velocidade com que as descobertas são informadas e difundidas contribuem para que, apesar do acúmulo dos anos, a pessoa continue jovem. São muitos os fatores que colaboram para isso. Em primeiro lugar, o *regime alimentar* de cada pessoa é meio poderoso para o sujeito estruturar um estado de saúde doentio ou saudável. Há pessoas que não desfrutam bom estado de saúde por deficiências no processo alimentar. Faltam-lhes substâncias necessárias para o organismo manter-se sadio e vigoroso, a fim de enfrentar o desgaste natural e a mudança no metabolismo orgânico próprio da idade. Há outros indivíduos que não gozam de boa saúde por exageros e falta de cuidados na forma de se alimentar, embora disponham de todos os recursos necessários para serem sadios.

Há também aquelas pessoas que, na abundância de recursos alimentícios, não aprenderam a dosar, qualificar e equilibrar seu regime alimentar: vivem para comer, em vez de comerem para bem viver. E essa lacuna os leva a pagar um tributo demasiado alto a seu estado de saúde. Elas mesmas, por abusos conscientes ou subconscientes, se privam da grande riqueza de viver em estado saudável. O aprender e saber alimentar-se de forma módica, equilibrada, qualificada e benéfica para si e para as boas relações interpessoais não é automático nem simples decorrência do passar dos anos. Esse aprendizado precisa ser feito individualmente, não obstante a abundância das ofertas que a mesa prodigamente servida oferece. A oferta vem de fora, mas o equilíbrio tem de ser construído a partir de dentro, das convicções, do autocontrole e do amor sadio e adulto a si mesmo, que leva

a evitar abusos, deterioramento gradativo da saúde e auto-destruição progressiva que conduz à morte prematura. O regime alimentar dosado e saudável predispõe o indivíduo a *caminhar e a movimentar-se sicamente*, preservando o sistema circulatório. Com isso, a disposição geral da pessoa se mantém em alta, tanto para relações interpessoais e trabalhos que ainda pode fazer quanto para leituras, iniciativas apostólicas e estudos complementares.

Outro fator que muito contribui para a longevidade e para a boa disposição geral é aprender e aceitar, em tempo, *tomar as providências médicas necessárias*. A fragilização gradativa das células do organismo é fato facilmente constatável e comprovado pela ciência médica. Requer medidas adequadas e providências oportunas. Não aceitar ir ao médico por não se sentir doente nem sempre é o melhor conselheiro. Às vezes, a deterioração orgânica se faz de forma tão sutil e silenciosa que, quando a pessoa se dá conta, a complicação do estado geral já se encontra em processo adiantado e grave. De tempos em tempos vale a pena fazer uma avaliação geral, mesmo não sendo pressionado por dores e incômodos. É recurso preventivo. Os cuidados médicos são ricos e oportunos conselheiros que se convertem em prêmio em anos sucessivos. Uma das artes benéficas a todas as idades é a de *aprender a cuidar de si*, em todos os sentidos e dimensões.

O fator *psicológico*, que leva a pessoa a *cultivar e alimentar o bom humor*, pesa consideravelmente na luta para manter-se com espírito juvenil. O bom humor manifesto e partilhado é indicador de bom estado de saúde psíquica. Além de deixar o sujeito bem, para viver e trabalhar, predispõe-no para relações interpessoais sadias e ricas, com relações afetivas benéficas. Quando a pessoa já não é capaz de humor sadio, significa uma deterioração do sistema inter-relacional e um empobrecimento gradativo das relações e do intercâmbio afetivo. Relações leves e joviais são excelentes indicadores de bem-estar, de saúde mental e de maturidade. Com isso, encontra também espaços para o lazer.

É comum e frequente aceitar pacificamente que as pessoas idosas se despreocupem com a leitura de livros e jornais para

se manterem bem informadas, sob a alegação de que são idosas, e se desligam das coisas e dos acontecimentos. Até parece ser caminho natural que leva o idoso a distanciar-se da vida social, das últimas novidades e dos fatos polêmicos do mundo. Entretanto, se a pessoa conseguir se preocupar e conservar-se bem informada, através de leituras de livros e jornais, credencia-se a manter a conversação em alto nível com pessoas mais jovens e em plena atividade profissional. *Continuar intelectualmente ativo*, além de retardar o envelhecimento, contribui para enriquecer a comunicação e as relações sociais e afetivas. Basta ver exemplos de pessoas públicas muito idosas – como Dom Helder Câmara, Zilda Arns, Anna Variani e tantos outros – que se mantiveram ativas, com capacidade de diálogo com cientistas e grandes intelectuais.

Outro fator, transcurado por muitas pessoas ao longo da vida, é o cultivo da espiritualidade. *Cultivar a espiritualidade* é outro fator que dá sabor à vida e às relações. É ingrediente fecundo para encontrar soluções diante dos achaques da idade, da retirada do trabalho sistemático e de ter de deixar responsabilidades antes exercidas por longos anos com eficiência. Esses passos, quando falta o cultivo de uma espiritualidade, podem servir para despertar a sensação de inutilidade, baixar consideravelmente a autoestima, e transformar-se em caminho para a depressão. Chegar a esse ponto não é agradável nem benéfico para a pessoa, muito menos para o convívio familiar e comunitário. A espiritualidade, cultivada no cotidiano, é luz e força para intuir e encontrar soluções diante dos desafios e imprevistos que a vida reserva para todos. O trabalho sistemático e as responsabilidades das etapas anteriores da vida são substituídos por novas ocupações: trabalhar naquilo que não permite que o indivíduo pare e se desvalorize, naquilo que continua a fazê-lo crescer – desde a escolha de um filme, a leitura de um bom livro, um maior cultivo da oração e o conhecer uma história de vida. É um novo aprender, sem desviar-se do horizonte perseguido.

Esses fatores todos são meios e *segredos* para o idoso permanecer com espírito jovem e saudável. É bom salientar que nenhum deles faz milagre, mas pode contribuir para dar qualidade à própria vida e fortalecer o testemunho de que envelhece feliz. Não há necessidade de absolutizar nenhum deles, porém o somatório enriquece a vida e o convívio familiar, além de ajudar as gerações posteriores a conviver bem com o idoso. Recordar esses meios, e retomá-los reflexivamente, reaviva a consciência de que cada qual, independentemente da faixa etária em que se encontra, precisa sempre, e de novo, conservar a vitalidade e *aprender a cuidar de si* para não ser peso constante para si mesmo e para os outros. O cuidado de si converte-se em gesto solidário e cuidado para com os outros, porque, se eu me negligenciar, acabo sobrecarregando os outros para prestar-me os cuidados que eu deveria ter tido. Assim, os idosos realizam a palavra do salmista: “Eles dão fruto mesmo na velhice, são cheios de seiva verdejante” (cf. Sl 92,15).

Sempre é tempo de crescer e amadurecer

Na linguagem do cotidiano, com certa frequência ouve-se dizer que há indivíduos que se *aposentam* prematuramente. Desistem de lutar pela vida, abandonam a leitura, a própria formação, o estudo, e matam em si toda sã ambição. Transformam-se em *matéria cristalizada, pronta e acabada*, sem possibilidade alguma de evoluir e crescer. Além de essas pessoas não serem exemplo positivo para ninguém, tacitamente, negam para si mesmas a possibilidade de evoluir, amadurecer e fazer algo útil para a humanidade e para a comunidade em que vivem.

Erik Erikson, grande pensador do século passado, estudioso da estruturação e do crescimento da personalidade, apresenta uma teoria sobre o processo de formação da identidade humana (*Identidade, juventude e crise*). O esquema dele, através de oito estágios, é iluminador para cada pessoa entender-se e identificar em que etapa evolutiva da vida sadia se encontra. A identidade humana de qualquer indivíduo,

afirma Erikson, passa por oito estágios que se sucedem de forma diversificada em cada um. Assim, a partir do nascimento, todos passam pelos estágios da *con ança*, *autonomia*, *iniciativa*, *operosidade*, *identidade*, *intimidade*, *generatividade* e *integridade*. Esses são os polos positivos que, se vivenciados de forma harmônica, conduzem a pessoa a estruturar uma identidade positiva e sólida e possibilitam caminhar para a maturidade. Entretanto, a cada um desses estágios positivos corresponde também um polo negativo. Qualquer indivíduo, no processo evolutivo de crescimento, se encontra constantemente numa *gangorra*, podendo ora pender para o polo positivo, ora para o negativo. Cabe ao sujeito escolher para qual deles prefere pender e trilhar. O ideal é que a pessoa passe, gradativamente, de um estágio positivo para outro positivo e, assim, alcance uma harmonia tal que facilite a tarefa intransferível de cada qual enfrentar a vida que a história lhe reservar com sua complexidade. Quanto menos se detiver e *morar* no lado negativo da gangorra tanto mais fortalecerá as vivências positivas que sustentarão cada qual nas lutas e percalços do cotidiano.

Dentro do tema apresentado, é fundamental fazer alusão aos três últimos estágios desse processo de construção da identidade humana. Erikson dá ênfase aos polos positivos porque representam as balizas, os pontos de apoio de cada indivíduo ao longo da caminhada. O sexto estágio denomina-se *intimidade*, isto é, a capacidade de uma pessoa comunicar-se com outra, partilhando elementos de sua intimidade, tais como gostos, interesses, ideais, projetos e valores, que pretende conquistar e testemunhar na vida. Essa etapa é vivenciada e estruturada dos vinte aos trinta anos, durante o período em que o jovem vai se definindo vocacionalmente e sonhando com um projeto de vida. Bem vivenciado, esse estágio torna-se capaz de revelar seus ideais, preferências e projetos, partilhando-os beneficentemente ao longo de um namoro ou outro discernimento vocacional. O importante a salientar aqui é o fato de, se a pessoa vivenciou esse estágio de forma positiva, rica e madura, habilitar-se tanto a boas relações interpessoais com capacidade de diálogo e partilha

quanto a colocar os pressupostos para um diálogo com Deus e para uma vida espiritual bem estruturada. Então, nos momentos críticos, seja por que causas for, a vida espiritual funciona como baluarte e fortaleza, e oferece recursos para reagir de forma adequada e construtiva, sem entregar-se à depressão.

O sétimo estágio de Erikson é a *generatividade*, isto é, a geração dos filhos e os *cuidados* indispensáveis para que sejam bem atendidos e se desenvolvam de forma sadia. Tal etapa é de suma importância para os pais, a fim de gerar e educar filhos com capacidade de conduzir a vida pautada pelo amor. Mas é igualmente importante para religiosos que escolhem, por vocação, *gastar* suas vidas a serviço e em prol da missão evangélica. A cada ano que passa, a atividade que desenvolvem deve contribuir para gerar não apenas sentimentos e sensações agradáveis, mas também a convicção profunda de que gerou vida. Não chegar a tal ponto significaria vivenciar a própria vocação religiosa com marcas de insatisfação, de frustração e de esterilidade. A vocação religiosa é tão bela quanto a matrimonial e pode ser vivida com dignidade e fecundidade de vida e ação. Importa cada qual colocar os pressupostos antropológicos que possibilitem vivê-la, ao mesmo tempo, com leveza e plenitude de significado. As frustrações e os sacrifícios ao longo do itinerário são minimizados pela consciência do valor e significado para a própria vida e para a vida dos beneficiados. Esta é a modalidade de tornar a vida fecunda em cada etapa do viver.

O último estágio de Erikson é a *integridade*. Os pais com os filhos encaminhados e entregues ao mundo, os religiosos com boa parte da missão cumprida e as grandes responsabilidades repassadas à geração seguinte. Mesmo notando suas forças debilitarem e seu organismo enfraquecendo, sentem e testemunham ao mundo que sua vida foi e está sendo vivida com *signi cado* e *sentido* profundos. O peso dos anos, de per si, não os faz vítimas da doença e do mal-estar, embora as dores, por vezes, sejam intensas e prolongadas. Não são elas que apagam o significado de uma vida vivida com intensidade. A intimidade, saboreada com muita intensidade

na década dos vinte anos, continua presente, bem como a generatividade dos trinta. As etapas anteriores bem vividas e bem integradas são esteio seguro e baluarte diante dos imprevistos da velhice e da vida que gradativamente se apaga. É a integridade, fruto das sete etapas anteriores bem estruturadas, que fortifica a fé e leva a pessoa a não se entregar à *desesperança* – polo negativo da integridade – mesmo quando a enfermidade e o mal-estar são intensos e persistentes. A integridade faz com que este último capítulo da história de cada indivíduo seja vivido em plenitude e esperança, porque a pessoa está preparada para dar significado à dor e à perda das forças físicas. A experiência de intimidade fortalece e sedimenta o encontro com o Senhor da vida, que tem seu modo e momento para chamar para a última viagem. O que promove o bem-estar da pessoa idosa e fecunda o testemunho de vida é *como* são vividos os momentos extremos: com serenidade e a esperança de quem aguarda um encontro maior, um encontro completamente envolvido pelo amor divino. Por isso mesmo, a preparação para a última peregrinação e a despedida dão-se na paz e na esperança de quem parte e no consolo de quem fica, pois se trata de viver a alegria da vida construída e *gasta* com sentido. A perspectiva de prolongamento gradativo da vida, visualizado pelas ciências modernas, não afeta o ânimo nem as razões para alcançar uma vida feliz.

A fecundidade do último capítulo da vida

Os três últimos estágios de Erikson, brevemente descritos acima, ajudam a entender o porquê de algumas pessoas viverem com leveza e alegria os últimos anos de suas vidas. Também se compreende melhor a realidade daqueles que continuam produtivos e fecundos, cultivando seus talentos mesmo na idade avançada, enquanto outros se entregam prematuramente à inação, aceitando e concedendo-se pacificamente o atestado de inutilidade. Umhas e outras *percorrem caminhos distintos*, com motivações diferentes e com dinâmica diferenciada. Enquanto as primeiras mantêm a

autoestima elevada, as segundas, inconscientemente, se sentem inúteis e se encaminham para a depressão. A dinâmica da vida de cada qual as conduz a portos bem distintos e a projetos de vida praticamente opostos. O sentido da vida de umas e outras se encontra em polos antagônicos, e o ânimo dos caminhantes não se equivale nem se equipara.

Penso que cada Irmão deveria perguntar-se para que porto conduz sua existência e por que forças motivadoras é impulsionado. Erikson nos diz que sempre há tempo para crescer e amadurecer, bem como mudar a trajetória e a dinâmica da própria vida. A construção da identidade pessoal é um caminho longo: vai do berço ao túmulo. A longevidade a respeita e complementa essa caminhada. Entretanto, convém salientar que a decisão é pessoal! A Sagrada Escritura mostra que a vida toda é tempo de conversão do coração e mudança de vida (cf. Ez 36,26). Portanto, *urge motivar-se a caminhar*. Não faz mal cada Irmão perguntar-se o que a vida e a Província esperam e desejam de cada um de seus membros. Para todos quantos alimentam o desejo de realizar-se plenamente na vida, a pergunta certamente vai despertar e motivar a reagir. Sob o prisma educativo, falando a pais, se lhes recomenda *não fazer para os lhos aquilo que já são capazes de fazer sozinhos*. Falando a pessoas adultas e idosas, a recomendação muda pouco: *deixar o idoso fazer tudo quanto ainda é capaz de fazer*.

A fecundidade dos últimos anos do viver é fruto de fatores diversos, mas, certamente, o que mais pesa e contribui é o *desejo pessoal de crescer* e permanecer humanamente fértil. Se faltar isso, certamente, o colorido da caminhada e o sabor das vivências serão distintos. A fecundidade dá sabor especial à vida, mas cada um a prepara mediante a dinâmica que imprime a seu viver. Oxalá possamos ajudar-nos a ser o que fomos chamados a ser, e a bem viver o projeto que por Deus fomos convidados a construir. E nessa ajuda os últimos anos merecem carinho e atenção especiais, porque, na maioria das vezes, são marcados pelo declínio das forças físicas, por deixar posições de comando e de liderança e pelo poder de reação de cada idoso. Exatamente nesse

momento faz-se necessária a *atitude de abandono*, fruto, a um tempo, da confiança e da fé sustentadas pela pessoa também nos momentos menos agradáveis e prazerosos. A atitude de abandono também tem uma característica de desprendimento: passamos para os mais jovens o poder, o comando e as lideranças exercidas. É uma demonstração concreta de fé e desapego. É um exercício de passagem para outras responsabilidades! O corpo mudou, transformou-se. As atividades e responsabilidades também precisam mudar. Aqui, a falta de consciência histórica, o amor desenfreado ao poder e o orgulho humano podem dificultar e até impedir a pessoa de fazer a entrega de si mesma. Há pessoas vivendo na leveza e na alegria, enquanto outras demonstram desgosto, azedume e mau humor. O desafio existencial é encontrar, em cada etapa da vida, razões para viver bem e feliz, envelhecendo de forma saudável.

O ser humano foi criado para viver aqui na terra uma missão entre seus coirmãos e chegar ao *encontro de nitivo com Deus*. Vem de Deus e destina-se a voltar para Deus. A preparação desse retorno só é tranquila, serena e esperançosa quando cultivada pelo abandono filial nos braços do Pai que incansavelmente espera o retorno do filho (cf. Lc 15,20). O abandono confiante antecipa a alegria do encontro (cf. Lc 15,23). Uma série de fatores vivenciados por longos anos podem tornar-se obstáculos para preparar e efetuar esse retorno na confiança e na entrega de si. Mas também há outros fatores que o preparam e possibilitam.

Cada etapa da vida bem vivenciada significa também preparação para a seguinte. Precisamos sempre, de novo, aprender de Maria a guardar e meditar em nosso interior os acontecimentos e, entre eles, também o fato de ter chegado à ancianidade. O ativismo cessou, a produtividade e eficiência baixaram, mas *ninguém pode se entregar à inação*, sob pena de frustrar a própria vida. Cada um é chamado a permanecer vivo e ativo nas lições de vida que gerou por sua ação e sabedoria de vida. Jesus diz aos apóstolos: “Meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho” (Jo 5,17). O ser humano foi criado por Deus para viver o *encontro* com ele

e com os irmãos. É justamente a profundidade e a amplitude desse encontro que permitem ao religioso continuar proativo e fecundo em qualquer idade. Até certo ponto, a velhice favorece o *retorno à interioridade* porque já não necessita preocupar-se tanto com responsabilidades múltiplas e lideranças diversas. Aceitando e cultivando esse retorno à interioridade, aspiração insaciável de todo ser humano, o *encontro* se efetua. Então, a figueira de cada um permanece produtiva para a vinda do Senhor, quando dela se aproximar a fim de colher frutos (cf. Mc 11,12-14). O desejo de Deus é que ninguém seja figueira estéril, mas fecunda e produtiva, de modo diferente em cada fase da vida. A alegoria de Jesus é rica, fácil de compreender e estimulante para enriquecer cada momento da existência. É justamente a consciência de cada qual estar fazendo seu melhor que dá serenidade e a certeza de *noossa alma descansar “nele”*, como diz Agostinho. O fundamental é o idoso descobrir, hoje, como permanecer fecundo com as forças que ainda desfruta, pois Deus sempre sustenta e fortalece na caminhada.

Poucas pessoas gostam de pensar no fim da festa, mas todos aceitam tranquilamente pensar no final da desgraça. Assim, não é muito comum deter-se para refletir sobre o fim da própria vida terrena. Em geral, essa ideia é abstraída do conjunto das preocupações do cotidiano das pessoas. Entretanto, saber deter-se diante da própria *nitude*, antes de tudo, significa colocá-la como parte integrante da condição humana. E como tal merece ser considerada e refletida. Fazer simplesmente abstração dela equivaleria a um posicionamento que nega parte da realidade humana e considerá-la agente estranho que nada tem a ver com a caminhada do ser humano sobre a terra. Esse modo de proceder, além de não ser benéfico, em nada ajuda.

Há realidades que nem a todos são simpáticas e atraentes, mas fazem parte integrante da existência do ser humano; não há como negá-las. E uma delas é a finitude. Somos seres limitados, temporais e finitos. Por isso, deter-se a pensar com coragem e serenidade sobre a própria vida, em toda a sua amplitude, além de ser benéfico, mantém a pessoa

mergulhada em sua realidade. Alimenta a coragem, elimina os medos e estimula na caminhada. Mantém o indivíduo sempre envolto na própria pele e não permite fugir para fantasias abstratas e alienantes. Dispor-se a pensar e aceitar o termo final da existência humana é comungar com toda a natureza que nasce, cresce, evolui e declina. Pensar na própria finitude é um ato amoroso para com Deus, que brindou gratuitamente o ser humano com a existência finita neste mundo e eterna na vida futura. Além disso, deu ao ser humano a capacidade de transcender os bens temporais e fixar o olhar nos bens futuros. Deu-lhe espaço para viver em plenitude e realizar sua identidade conforme foi chamado a ser. Aceitar e acolher a própria finitude é vencer o orgulho humano, pôr-se em comunhão com o plano criador e deixar-se envolver e guiar por sua dinâmica. Ademais, comungar com a vontade de Deus significa aceitar a morte como último ato de obediência ao Criador.

Todos precisam aprender a morrer e a desapegar-se do poder conquistado, das realizações e das glórias humanas. Naturalmente, para assumir esse posicionamento na paz e na tranquilidade interior, sem medos e sobressaltos angustiantes, é necessário dispor-se a pautar a própria caminhada na fé e no abandono filial. A colheita que cada qual faz no termo de sua vida é condicionada pela disposição e pela amplitude do horizonte durante a sementeira. Esse é o momento em que o salmista exclama e canta: “Na ida o sementeiro caminha chorando, levando as sementes; na volta regressa cantando de alegria, trazendo seus feixes” (cf. Sl 126,6). Há males reais e outros aparentes. A finitude integra os males aparentes; graças a ela o ser humano *realiza o encontro* e chega ao aconchego do Pai, na morada definitiva que o Cristo prometeu aos apóstolos preparar para todos (cf. Jo 14,2). Possibilita o arremate final da caminhada e a realização da festa do encontro definitivo com o Pai que a todos aguarda.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Num primeiro olhar, o que lhe chamou a atenção?
2. Em sua leitura e compreensão, quais os pontos relevantes que você identificou e podem ajudá-lo a dar maior sentido à fase de idoso?
3. As ideias expostas no artigo ajudam a cultivar a esperança e preparar o encontro definitivo com o Senhor da vida?

A opção ecumênica do Vaticano II

ELIAS WOLFF*

O Concílio Vaticano II, um fato ecumênico

Ao lermos a *carta magna* sobre o ecumenismo na Igreja Católica, o decreto *Unitatis Redintegratio*, somos surpreendidos já na primeira frase do próêmio com uma afirmação sem precedentes em documentos magisteriais da Igreja Católica: “Promover a restauração da unidade entre todos os cristãos é *um dos principais propósitos* do sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II” (*UR*, n. 1 – o grifo é meu). Tal objetivo já estava presente no anúncio do Concílio, como se referiu o *L'Osservatore Romano* de 26-27 de janeiro de 1959: “Pelo que se refere à celebração do Concílio Ecumênico, este, segundo o pensamento do Santo Padre, não somente tende à edificação do povo cristão, mas também quer ser um convite às comunidades separadas para a busca da unidade”.¹ Em 1960, foi criado o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, com a finalidade de ajudar na preparação do Concílio, articulando a relação da Igreja de Roma com outras Igrejas. Paulo VI deu continuidade a esse propósito declarando, já na ocasião de sua coroação em 30 de julho de 1963:

Àqueles que, sem pertencerem à Igreja Católica, a nós estão unidos pelo vínculo de fé e de amor ao Senhor Jesus, e estão marcados pelo selo do único Batismo – *unus Dominus, una de, unum baptisma* (Ef 4,5) – dirigimo-nos com um respeito forrado de imenso desejo: aquele mesmo desejo que, de há muito, anima muitos deles: apressar o dia bendito que, após séculos de funestas separações, verá realizar-se perfeitamente a insistente prece de Cristo na véspera de sua morte: *ut unum sint!* (Jo 17,21).²

* **Elias Wolff** é presbítero da Diocese de Lages-SC, professor de Teologia Sistemática na Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC) e assessor da Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso da CNBB. **Endereço do autor:** Av. Dep. Antônio Edu Vieira, 1524, CEP 88040-970, Florianópolis-SC. E-mail: elias.wolff@itesc.org.br.

1. *Revista Eclesiástica Brasileira* (1959) 162.

2. *Revista Eclesiástica Brasileira* (1963) 761.

O que surpreende é o fato de o ecumenismo ser afirmado no decreto *Unitatis Redintegratio* como *um dos principais* (!) objetivos do Concílio. Ao menos na intenção do Papa João XXIII, o ecumenismo não é um tema de segunda importância, mas um dos elementos que configuram a Igreja conciliar, em seu ser e em seu agir.³ João Paulo II explicitou bem isso ao afirmar que o ecumenismo não é *acessório ou apêndice* da Igreja, mas constitui sua própria *essência* (*Ut Unum Sint*, n. 9, 20). E para se fortalecer como um objetivo do Vaticano II o ecumenismo tornou-se *uma perspectiva* da discussão dos padres conciliares em praticamente todos os dezesseis documentos conclusivos do Concílio. O ecumenismo perpassa a teologia, a espiritualidade, a eclesiologia, a missiologia do Concílio.⁴

O Vaticano II foi um fato ecumênico. Mostram-no o seu objetivo, a explicitação da dimensão ecumênica das diferentes temáticas do Concílio, a presença dos observadores cristãos não católicos romanos na Assembleia dos padres conciliares.⁵ A publicação do decreto sobre o ecumenismo, *Unitatis Redintegratio*, em 21 de novembro de 1964, foi a culminância desses passos gigantescos em direção ao ecumenismo. Pouco a pouco foi sendo superada a intransigência dos primeiros momentos, reconhecendo com realismo a situação do Cristianismo no mundo, e admitindo, mesmo, a contribuição do testemunho protestante na evangelização.

Na verdade, não é a primeira vez na história da Igreja que um concílio dedica-se à reconciliação dos cristãos. Aliás, a razão de todos os concílios é buscar e sustentar a unidade na fé em Cristo. Mas as tentativas de unir cristãos de comunidades separadas foram poucas na antiga história da Igreja, com destaque para os *concílios de união*, de Florença-Ferrara (1438-1445). Contudo, enquanto ali se visava à reconciliação entre cristãos do Ocidente e do Oriente e não havia ainda o movimento ecumênico, como o conhecemos hoje, o propósito da união no Vaticano II é mais amplo, refere-se *a todos* os cristãos e suas diferentes tradições eclesiais. Desse modo, o Vaticano II acordava a Igreja Católica para o ecumenismo como aprofundamento da consciência de si mesma e dos desígnios de

3. Note-se que o tema da unidade dos cristãos foi um dos sete esquemas enviados aos bispos como proposta para discussão no Concílio – resultante dos setenta esquemas inicialmente previstos. Assim, o ecumenismo estava contemplado no Concílio desde as suas primeiras atividades.

4. Apenas para exemplificar: *LG*, n. 8, afirma que a Igreja de Cristo “subsiste” na Igreja Católica, recusando a identificação até então afirmada (*Mystici Corporis Christi, Humani Generis*) e reconhecendo a existência dos elementos eclesiais fora da tradição católica (cf. SULLIVAN, Francis A. “Sussiste” la Chiesa di Cristo nella Chiesa Cattolica Romana? In: LA-TOURELLE, R. (ed.). *Vaticano II. Bilancio e prospettive, venticinque anni dopo (1962-1987)*. Assisi, 1988. p. 822). *LG*, n. 15, fala dos laços da Igreja com os cristãos não católicos;

GS, n. 92, é um forte apelo à unidade; o decreto *Ad Gentes*, n. 6, faz uma nítida distinção entre a atividade missionária e o ecumenismo; *Ad Gentes*, cf. n. 15, afirma: “Compentrem-se de que seus irmãos cristãos (não católicos) são discípulos de Cristo, regenerados pelo Batismo e participantes de muitíssimas riquezas do Povo de Deus”; o decreto *Christus Dominus*, n. 16, mostra o dever dos bispos em relação aos “irmãos separados” e ao ecumenismo; o decreto *Optatam Totius*, n. 16, incentiva os candidatos ao presbiterato a conhecerem as Igrejas e comunidades eclesiais não católicas; o decreto *Orientalium Ecclesiarum*, por sua vez, embora tenha como preocupação central a relação da Igreja Católica com as Igrejas orientais, nos n. 24-29, porém, trata das relações com os “irmãos das Igrejas separadas”.

Deus. Consciência essa que exigia da Igreja um *aggiornamento* em vista de uma fidelidade sempre maior às exigências de seu próprio ser e da dignidade a ela conferida.

Do confronto ao diálogo

A pergunta que emerge é: como foi possível, no Vaticano II, a Igreja assumir uma posição tão favorável ao ecumenismo, como também ao diálogo inter-religioso, se, há bem pouco tempo, manifestava fortes resistências em relação à sua participação nas iniciativas do movimento ecumênico existente havia mais de meio século?⁶ Na verdade, havia proibição à participação de católicos no movimento ecumênico que nasceu no meio protestante.⁷ E quando se falava em unidade a Igreja Católica a entendia na perspectiva do retorno, como inclusão de todos os cristãos em suas instituições.⁸

A resposta precisa ser buscada nos elementos que propiciaram a realização do Concílio. No interior do Catolicismo destacam-se os movimentos: bíblico, patrístico, litúrgico, e o novo pensar teológico proposto por teólogos como J. Danie-lou, Y. Congar, H. U. von Balthasar, K. Rahner, o Cardeal Suenens, entre outros. O contexto cultural da época do Concílio é marcado pelo pensamento filosófico da fenomenologia e do existencialismo, que abandonam a visão essencialista da realidade, relativizam posições absolutistas e favorecem o entendimento da verdade como processo, o que implica relação, diálogo, intercâmbio de experiências e de saberes. No Ocidente, o pluralismo cultural torna-se berço do pluralismo religioso, com reivindicação da liberdade religiosa em todos os países. O movimento ecumênico de origem protestante se fortalece com encontros realizados às vésperas e durante a realização do Vaticano II, como a III Conferência Mundial de Fé e Ordem (Lund, 1952), a III Assembleia Geral do Conselho Mundial de Igrejas (Nova Delhi, 1961), a IV Conferência Mundial de Fé e Ordem (Montreal, 1963), além das reuniões do Comitê Central do Conselho Mundial das Igrejas, em Paris e Rochester. Eventos que repercutiram de algum modo na reflexão dos padres conciliares.

A decisão da entrada da Igreja Católica no movimento ecumênico foi lentamente preparada a partir do final o século XIX. O Padre Fernand Portal (1855-1926) deu os primeiros passos para o diálogo com os anglicanos, conduzindo as conversações de Malines (1921-1925); o Abade Paul Couturier, em 1935, deu um caráter realmente ecumênico à Semana de Oração pela Unidade, inicialmente proposta pelo Reverendo anglicano Paul Wattson, em 1908 – e acolhida na Igreja Católica dois anos mais tarde –, afirmando *a unidade que Deus quiser, quando quiser, e com os meios que quiser*. O mesmo abade promoveu as conferências interdenominacionais de Dombes, a partir de 1942. Dom Lambert Beauduin fundou o Mosteiro da União de Chevetogne, promovendo um intenso trabalho no plano da doutrina e da espiritualidade ecumênica. Essas iniciativas influenciaram a reflexão dos principais teólogos do Concílio.

Nesse contexto realiza-se o Vaticano II. O esforço por *aggiornamento* e renovação em sua organização interna e sua ação evangelizadora ajudou à inserção da Igreja na história do seu tempo. A busca de renovação *ad intra* e as novas relações *ad extra* constituem a chave da abertura ao ecumenismo e ao diálogo das religiões.

É notável a atitude profética do Papa João XXIII ao propor o Concílio Vaticano II como um evento propulsor da unidade dos cristãos – e do diálogo inter-religioso.⁹ E a sua forte personalidade foi fundamental para vencer as resistências a tal propósito, como também as resistências à realização de um novo concílio. Sem essa convicção, os objetivos do Concílio teriam sucumbido às tendências que pretendiam fazer do Vaticano II uma simples continuidade do Vaticano I. Mas o papa não estava sozinho. João XXIII foi o catalisador das aspirações por renovação e abertura na Igreja que ganhavam força em diversos espaços do Catolicismo, impulsionando um novo pensar teológico, uma espiritualidade renovada, uma nova postura diante do mundo, das Igrejas e das religiões. A consequência foi uma mudança de mentalidade e de atitude, base do novo ensino doutrinário: “É necessário que os católicos reconheçam com alegria e

5. Delegados das Igrejas que participaram do Concílio: 1ª Sessão: 49 delegados de 17 Igrejas; 2ª Sessão: 66 delegados de 22 Igrejas; 3ª Sessão: 76 delegados de 23 Igrejas; 4ª Sessão: 103 delegados de 29 Igrejas. Cf. BRAVO, Pe. Ernesto, sj. Aspectos históricos do ecumenismo na América Latina. In: VV. AA. *Congreso Iberoamericano sobre la Nueva Evangelización y Ecumenismo*. Madrid: Gráficas Lormo, 1992. p. 99-110.

6. Reiteradas vezes as autoridades eclesásticas recusaram o convite para participar das iniciativas ecumênicas. Entre outras: em 1910, por ocasião da Conferência de Edimburgo, e, em 1948, na assembleia de fundação do Conselho Mundial de Igrejas. A primeira vez que a Igreja romana enviou delegados oficiais a um encontro ecumênico foi em 1961, na assembleia do Conselho

Mundial de Igrejas, em Nova Delhi.

7. O Santo Ofício, em decreto de 8 de julho de 1928, respondeu à consulta “se é permitido aos católicos assistirem, ou interessarem-se por reuniões, agrupamentos, conferências, ou sociedades de não católicos, que tenham por objetivo reunir sob um só pacto religioso (*uno religionis fodere*) todos aqueles que de alguma forma reivindicam o nome de cristãos” (DH 2199) com um *non licet* (ROCHA, Z. B. Ecumenismo: avanços e recuos. *Revista Eclesiástica Brasileira* 241 (2001) 85-100 – aqui, p. 87). A encíclica *Mortalium Animos*, de Pio XI (1928), chamava os ecumenistas de *panchristiani*, proibindo rigorosamente os católicos de participarem no movimento ecumênico: “Nec ullo pacto catholicis licere talibus inceptis vel suffragari vel operam dare suam” (AAS 1928, p. 11).

estimem os valores verdadeiramente cristãos, oriundos de um patrimônio comum, que se encontram nos irmãos separados [...] Podem contribuir para a nossa edificação” (cf. UR, n. 4). Antes se dizia: eles se afastaram de Jesus, já não são Igreja de Cristo. Agora se diz: eles caminham para Jesus e já são a Igreja de Cristo, em busca da perfeição...

O decreto *Unitatis Redintegratio*

O principal fruto ecumênico do Concílio foi a nova mentalidade da Igreja Católica em relação às outras Igrejas e, conseqüentemente, a disponibilidade para com elas participar de iniciativas de diálogo, convivência e cooperação. Tal mentalidade e disposição prática estão condensadas no decreto *Unitatis Redintegratio*. A elaboração desse decreto não foi nada simples, seja pela novidade do tema – a maioria absoluta dos padres conciliares não estava preparada para discutir serenamente as questões que ele envolvia –, seja pelo desafio que enfrentava no sentido de fazer uma reflexão que tivesse como consequência incluir o ecumenismo no ordinário da vida dos cristãos católicos.

O decreto sobre o *ecumenismo* foi tratado nos três períodos do Concílio. Isso serviu como atualização ecumênica aos padres conciliares, o que possibilitou o documento final, em três capítulos: princípios do ecumenismo (capítulo I), a prática do ecumenismo (capítulo II) e a relação com as tradições eclesiais do Oriente e do Ocidente, considerando as especificidades de cada uma (capítulo III). Esperava-se mais? Certamente. Mas não se pode negar o avanço que o decreto *Unitatis Redintegratio* expressa na inserção da Igreja Católica no movimento ecumênico. E na medida em que as Igrejas particulares assumirem as orientações ecumênicas do Concílio, novos caminhos serão abertos para responder às exigências que, em nosso tempo, se apresentam para a unidade dos cristãos.

O ensino ecumênico do Vaticano II é objetivo. Entende que a divisão dos cristãos *contradiz abertamente a vontade de Cristo, é escândalo* e prejudica a pregação do Evangelho (cf.

UR, n. 1). Para mudar essa realidade surge o ecumenismo, por moção do Espírito Santo, como uma *divina vocação e graça* a todos os cristãos. A unidade é dom e é também uma responsabilidade. Enquanto dom, é gratuita, dada por Deus à sua Igreja. Enquanto responsabilidade, devemos por ela zelar e promovê-la. Para isso há princípios que orientam a ação ecumênica dos cristãos católicos: o entendimento que a Igreja de Cristo é una e única, pois, sendo Cristo um só, uma só é a comunidade que ele quer para todos os seus discípulos (Jo 17,21); a unidade cristã é significada e realizada na Eucaristia; tem como princípio o Espírito Santo e como modelo a Trindade; é vivida em uma só fé, num mesmo culto e na fraterna concórdia; e se organiza na história em fidelidade aos Doze, tendo Pedro à sua frente (cf. UR, n. 2).

A partir desses princípios, o decreto *Unitatis Redintegratio* explicita a compreensão da Igreja Católica acerca da condição dos cristãos membros das diferentes tradições eclesiais. Os seus membros de hoje não podem ser acusados de ter causado a separação. E pela fé em Cristo os cristãos católicos lhes devem *fraterna reverência e amor* (cf. UR, n. 3). O batismo e a fé que possuem são expressões de comunhão também com a Igreja Católica, embora seja uma comunhão não plena devido às divisões doutrinárias, disciplinares, estruturais. É reconhecida a eclesialidade das tradições eclesiais oriundas das reformas dos séculos XVI e XVIII, conferida pelos elementos ou bens da Igreja de Cristo nelas presente, como a Palavra de Deus, a vida da graça, a fé, a esperança e a caridade (cf. UR, n. 3; LG, n. 15). Por esses elementos, “o Espírito de Cristo não recusa servir-se delas como de meios de salvação” (UR, n. 3).

Buscar a unidade é a razão de ser do movimento ecumênico, entendido como as *atividades e iniciativas que, segundo as necessidades da Igreja e a oportunidade dos tempos, favorecem a unidade dos cristãos* (cf. UR, n. 4). Destacam-se os esforços por eliminar palavras, juízos e ações que separam os cristãos, o diálogo da doutrina, a oração e a colaboração no bem comum (cf. UR, n. 4). Tais atividades, realizadas em comunhão com os pastores, promovem a equidade e a

8. Ver, entre outros documentos, as encíclicas *Praeclara Gratulationis* (1894) e *Satis Cognitum* (1896), de Leão XIII; *Ex Quo* (1926) e *Pascendi Dominici Gregis* (1907), de Pio X; *Mortalium Animos* (1928), de Pio XI; e *Mystici Corporis* (1943), de Pio XII.

9. A abertura pelo ecumenismo já foi explicitada na primeira radiomensagem de João XXIII: “[...] Com igual afeto paterno abraçamos a Igreja Oriental. Abrimos também o coração e os braços a todos os que estão separados desta Sé Apostólica”.

verdade entre todos, até se chegar à perfeita comunhão, que tem como sinal maior a Eucaristia comum.

Os princípios anteriormente considerados sustentam a prática do ecumenismo que deve acontecer em todas as instâncias da Igreja Católica e nos projetos de ação pastoral. O decreto destaca no capítulo II: o ecumenismo deve interessar a todos, fiéis e pastores, cada um em sua condição e competência (cf. *UR*, n. 5); ele possibilita a renovação da Igreja, condição para manter a fidelidade à sua própria vocação (cf. *UR*, n. 6); exige a conversão do coração e da mente, a humildade e a generosidade para com os outros (cf. *UR*, n. 7); se fortalece na oração comum, *alma de todo o movimento ecumênico* (cf. *UR*, n. 8); é fundamental favorecer o conhecimento mútuo, pelo estudo das doutrinas, espiritualidades e costumes das tradições eclesiais (cf. *UR*, n. 9); é fundamental possibilitar a formação ecumênica (cf. *UR*, n. 10); urge desenvolver um método adequado na exposição da doutrina católica, considerando a hierarquia das verdades (cf. *UR*, n. 11); urge fortalecer a cooperação das Igrejas na ação social (cf. *UR*, n. 12).

Três opções ecumênicas do Vaticano II

O ecumenismo é apresentado no Vaticano II como algo próprio da fé em Cristo com duas principais expressões: viver na Igreja que Cristo quer e agir no mundo testemunhando o seu Evangelho. Temos aqui três opções ecumênicas no Vaticano II.

1) Ecumenismo, uma opção de fé

A fé é a força propulsora do movimento ecumênico. Sem a fé não existiria a busca da unidade, e sem essa busca a fé cristã não encontrará a sua verdadeira expressão para todos os cristãos. É uma questão teológica crucial o fato de as Igrejas ainda não comungarem acerca dos elementos constitutivos da fé cristã e divergirem em suas formas de expressão. Há consensos nos elementos primários da fé cristã, mas profundas divergências em relação a muitos outros

elementos, como as mediações da fé, a relação fé e obras, o papel da autoridade eclesial no discernimento da fé. Por isso, nem todos os cristãos se reconhecem mutuamente como tal. O que é ser cristão? Quais os elementos constitutivos da fé cristã? Quais suas legítimas formas de expressão? Essas questões encontram diferentes respostas no Cristianismo.

Nenhum cristão pode conformar-se com o fato de que sua compreensão de fé não é partilhada por outros cristãos. E também não pode impor aos demais essa compreensão. Tal realidade incomoda como o espinho na carne. Mas pode ser um incômodo positivo se gera insatisfação e inconformidade com a situação de divisão cristã. Isso motivou a busca do entendimento acerca das *discrepâncias [...] em questões doutrinárias que expressam a fé* (cf. *UR*, n. 3), desafiando as Igrejas à comunhão na compreensão do credo cristão. O ecumenismo é uma questão de fé.

A fé ecumênica é bíblica. A Bíblia é o principal livro da fé dos cristãos. Ela comunica a fé autêntica, pelo que a profissão da fé cristã é *segundo as Escrituras* (1Cor 15,3-4).¹⁰ O fundamento da fé apostólica está nas Sagradas Escrituras: “Ouve, Israel! O SENHOR nosso Deus é o único SENHOR” (Dt 6,4). Sem negar a unicidade de Deus, Paulo afirma a divindade de Jesus ao dizer que “há um só Deus, o Pai, do qual procedem todas as coisas e para o qual existimos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem todas as coisas existem e nós também” (cf. 1Cor 8,6), de modo que “não há outro Deus, senão o Único” (1Cor 8,4). O centro da fé cristã está na afirmação de que “eu vos transmiti primeiramente o que eu mesmo havia recebido: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressurgiu ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (cf. 1Cor 15,3-4). Os verbos *transmitir* e *receber* dão às frases subsequentes o cunho de verdadeiros artigos de fé. Do mesmo modo, Paulo menciona a Timóteo o *mistério da piedade*, como se estivesse citando um hino ou credo primitivo a propósito da encarnação: “Sim, é tão sublime [...] o mistério da bondade divina: *manifestado na carne, justificado no espírito, visto pelos anjos, anunciado aos povos, acreditado no mundo, exaltado na glória*” (cf.

10. A relação entre fé apostólica e as Escrituras está tanto no conteúdo doutrinário quanto na forma (narrativa, em ambos os casos). Os Metodistas afirmam que as Escrituras Sagradas são uma *suiciente e necessária* declaração da fé (IGREJA METODISTA. *Constituição – 1930*, art. 4). Os Anglicanos, na Conferência de Lambeth (1888), afirmaram que as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento “contêm todas as coisas necessárias para a salvação” e “o Credo Niceno como suficiente afirmação da fé cristã” (citado por: SYKES, S. *Unashamed Anglicanism*. London, 1996. p. 110). Existe a “necessidade” da adesão ao que é “suficiente” para a expressão da fé, por um lado, e uma suficiência autoritativa no conteúdo da fé, do que é necessário, por outro. Em outros termos, o que é necessário tem autoridade para apresentar-se como

1Tm 3,16). Mateus confessa a fé trinitária como base da formação das comunidades, por ordem de Jesus: “Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (cf. Mt 28,19).

A *fé ecumênica é pneumatológica*, uma vez que é o Espírito Santo quem “realiza aquela maravilhosa comunhão dos fiéis e une a todos tão intimamente em Cristo” (UR, n. 2). O Espírito é quem distribui os múltiplos dons, graças e ofícios para a edificação do corpo de Cristo (cf. Ef 4,12), e realiza a unidade servindo-se das diferentes tradições eclesiais *como meios de salvação* para seus membros (cf. UR, n. 3). O que o Espírito realiza nos cristãos não católicos pode também contribuir para a edificação dos cristãos católicos (cf. UR, n. 4), uma vez que tudo o que é de fato cristão condiz com a fé de todos. Isso só é possível pelo reconhecimento de que é o *mesmo* Espírito de Cristo quem atua em uns e em outros. O Espírito é quem inspira a oração, a palavra e a ação que conduz à unidade que Cristo quer para seus discípulos (cf. UR, n. 4), de modo que é o princípio da unidade da Igreja (cf. UR, n. 2).

A *fé ecumênica é cristocêntrica*, pois a unidade consiste em confessar, juntos, a fé em Cristo como “Senhor e Salvador” (UR, n. 1). A profissão da fé leva a lutar contra as divisões que contradizem a vontade de Cristo (cf. UR, n. 1). Jesus rezou ao Pai para que seus discípulos vivessem unidos (cf. Jo 17,21). Para garantir a unidade nele, deu-nos o Espírito que a todos congrega na fé, na esperança e na caridade (cf. UR, n. 2), de modo que os batizados tornam-se *um só em Cristo Jesus* (cf. Gl 3,27-28). Jesus fez-se pão eucarístico, no qual a unidade é significada e realizada, e constituiu os Doze apóstolos como pilares da comunhão eclesial, tendo Pedro à sua frente (cf. UR, n. 2). Assim, ele desejou explicitamente a unidade dos seus discípulos, que se expressa *na comunhão de uma só fé, na comum celebração do culto divino e na fraterna concordância da família de Deus*.

A *fé ecumênica é trinitária*. A fé é dom do Deus Uno e Trino, e a profissão da fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo inspira o modo de ser Igreja. A Trindade é, assim, “modelo e princípio” da unidade dos cristãos (cf. UR, n. 2). As

relações de conhecimento e amor mútuo, de reciprocidade na partilha da natureza e da missão entre as pessoas divinas, devem encontrar expressão nas relações entre os cristãos e suas Igrejas. O agir ecumênico torna-se, assim, uma forma de prolongamento na história humana do agir do próprio Deus, que, sendo comunhão, gera comunhão.

A *fé ecumênica é eclesial*. Como não há ecumenismo sem fé, também não há ecumenismo sem Igreja. Pois o objetivo do movimento ecumênico é servir à Igreja, prestando-lhe o serviço de restauração da sua unidade visível na história. É constitutivo da fé eclesial acreditar que em sua essência a Igreja nunca perdeu a unidade e unicidade que lhe foi dada pelo próprio Cristo (cf. UR, n. 4). Sendo Cristo um só, uma só é também a sua Igreja, chamada a ser “sinal levantado entre as nações”, pela pregação do Evangelho e pela construção da paz entre todos os povos (cf. UR, n. 2).

Portanto, todo trabalho ecumênico é um trabalho a favor da fé cristã, um esforço para melhor compreender e viver o Evangelho. E os frutos do diálogo sobre a fé cristã já aparecem. Lembremos o mútuo reconhecimento do sacramento do Batismo;¹¹ os acordos cristológicos;¹² a declaração comum sobre a doutrina da justificação, inicialmente entre a Federação Luterana Mundial e a Igreja Católica (1999) e mais tarde com a adesão da Comunhão Metodista Mundial (2006); a natureza da Igreja como comunhão, entre outros.

O que interessa aqui é mostrar que para o Vaticano II o ecumenismo é elemento constitutivo da fé cristã e eclesial. Não há ecumenismo sem fé. E ao mesmo tempo que vivo a fé numa determinada tradição eclesial reconheço que a fé é uma realidade que transcende os limites institucionais dessa comunidade. Como dom de Deus, ela é acolhida e vivida também por quem não integra a minha comunidade institucional. Afirmar isso exige fé, pois é uma afirmação da gratuidade de Deus que doa seus dons a quem ele quer e da forma que quer.

A fé no diálogo ecumênico

O movimento ecumênico tem-se dedicado ao estudo acerca de uma comum profissão da fé cristã na confissão,

11. COMISSÃO DE FÉ E CONSTITUIÇÃO. *Batismo, Eucaristia, Ministério*. CONIC, 1982.

12. Declaração cristológica conjunta do Santo Padre e do Patriarca sírio-ortodoxo de Antioquia. *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa), 1º jul. 1984.

na pregação, no culto e nos sacramentos da Igreja, nas declarações dos credos, nas decisões dos concílios, nos textos confessionais e na vida da Igreja. Junto com as Escrituras estão os símbolos: apostólico e niceno-constantinopolitano, como fundamentais para a unidade dos cristãos na fé apostólica. O Conselho Mundial de Igrejas exorta para que todas as Igrejas utilizem os símbolos antigos da fé cristã como normativos. O desafio para aquelas que já o fazem é reconhecer a fé apostólica quando essa vem expressa em diferentes formas nesses símbolos. E sugere-se que as Igrejas que alteraram a sua redação original retornem ao texto original do Credo, sem acréscimos sucessivos introduzidos unilateralmente. As Igrejas que compõem o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil adotam esses símbolos de fé como constitutivos de sua base doutrinal,¹³ embora apresentem também outros elementos que configuram uma base de fé muito diversificada.¹⁴ A profissão conjunta da fé apostólica será manifestação da expressão essencial e integral da unidade que se busca, incluindo outras duas condições para a unidade: a comunhão nos sacramentos e a aceitação de estruturas comuns para os processos decisórios e para o ensino com autoridade.

Enfim, é a fé que possibilita a continuidade dos projetos ecumênicos em tempos nos quais há fortes resistências para o diálogo, o encontro, a cooperação entre as Igrejas. Ela permite acreditar que o desejo de unidade manifestado por Jesus vai ser atendido pelo Pai: *que sejam um!*

2) Ecumenismo, uma opção eclesial

A compreensão do ecumenismo no Vaticano II só é possível no horizonte da compreensão da Igreja que nele se manifesta. Ecumenismo é uma questão eclesiológica e a eclesiologia do Vaticano II é ecumênica.

O Concílio apresenta a Igreja em busca de compreensão de si mesma, com necessidade de revisão e aprofundamento da própria identidade, natureza e missão. Mesmo não usando o *slogan* luterano *ecclesia semper reformanda*, o Vaticano II não se distanciou dessa intuição ao afirmar a *ecclesia semper*

puri canda et renovanda (cf. *LG*, 8.15; *UR*, n. 6-8). Isso é condição da fidelidade a Deus e ao seu projeto. A *Lumen Gentium*, cf. o n. 15, exorta seus filhos à *puri cação e renovação, a m de que brilhe mais claro o sinal de Cristo sobre a face da Igreja*. O decreto *Unitatis Redintegratio* conclama os fiéis católicos para que “com espírito atento e sincero considerem o que dentro da própria Família católica deve ser renovado e feito, para que sua vida dê um testemunho mais fiel e mais claro da doutrina” (cf. *UR*, n. 4).

Aqui entra a contribuição do ecumenismo para a renovação eclesial. O que se pede é que os cristãos *examinem sua delidade à vontade de Cristo acerca da Igreja e, na medida do necessário, iniciem vigorosamente o trabalho de renovação e de reforma* (cf. *UR*, n. 4). Ser ecumênico é ser fiel ao Evangelho (cf. *UR*, n. 7), e, quanto maior a comunhão dos cristãos, maior a fidelidade a Cristo.

Quando se fala de renovação eclesial, está-se pensando no horizonte do *aggiornamento* almejado por João XXIII. Não há mudança no conteúdo de sempre da doutrina eclesial, mas na sua linguagem, organização e explicitação. Exemplos são: o conceito de Povo de Deus, peregrino como con---

uma relação identitária entre ecumenismo e Igreja pela convergência do universo teológico de *ecumenismo* e de *Igreja*. O ser da Igreja é ecumênico, no sentido que a melhor expressão dos elementos que a constituem acontece no horizonte da *koinonia* que o ecumenismo busca. A *koinonia* exige a realização do ecumênico na Igreja. E o ecumênico, como condição e expressão da comunhão, é elemento estruturante da identidade eclesial. Desse modo, o ecumenismo aparece no Concílio como paradigma eclesiológico. Mostra que ou a Igreja é ecumênica, no sentido que é o espaço da *koinonia agápica* entre o Pai, o Filho e o Espírito, que se extravasa e gera a comunidade histórica do Povo de Deus que se encaminha para o Reino, ou não é a *ekklésia tou Theou*.

3) Ecumenismo, uma opção pastoral

A opção pelo ecumenismo no Vaticano II tem expressão concreta na ação pastoral da Igreja. As orientações doutrinárias modelam o agir das lideranças num espírito de diálogo e parceria com os cristãos de todas as tradições eclesiais. E levam a formar comunidades segundo o espírito ecumênico do Concílio, com atitudes de diálogo, de tolerância, de respeito ao diferente, com afirmação da liberdade religiosa e capacidade de convivência com os membros das diferentes Igrejas e religiões.

O segundo capítulo do decreto *Unitatis Redintegratio* orienta para isso. As propostas de ação podem ser classificadas em três âmbitos: da formação ecumênica, da espiritualidade e da ação social. Nesses âmbitos há indicações de ação no nível pessoal e no nível coletivo; há exigências para mudanças de atitudes, para a superação de preconceitos e para o exercício do diálogo; há indicações para ação conjunta, como as Semanas de Oração pela Unidade dos Cristãos, a ação social, o estudo em comum.

Já foi constatado no movimento ecumênico que “a evangelização é o teste da nossa vocação ecumênica”.¹⁵ O Vaticano II entende que as divisões existentes entre os cristãos constituem um sério obstáculo à proclamação do Evangelho (cf. *UR*, n. 1).¹⁶ A unidade é fortalecida pela consciência

comum da missão, de modo que a opção pelo ecumenismo exige também opções pastorais comuns para as Igrejas. Afinal, “quem vai acreditar nesse anúncio (do amor de Cristo) se produzirmos disputas internas e não nos unirmos para construir um mundo mais justo, fraterno e de paz?”.¹⁷

O desafio é romper com projetos fechados de evangelização e exercitar um olhar comum para os desafios que a fé

nível dos princípios, do método e do conteúdo da evangelização. Cresce, assim, a consciência de que a unidade cristã é constitutiva da missão: “[...] eu neles, e tu em mim, para que sejam perfeitamente unidos, e o mundo conheça que tu me enviaste [...]” (Jo 17,23).

Balanço da caminhada

O Papa João Paulo II reconheceu que em nossos tempos “a ação em prol da unidade dos cristãos assumiu proporções tão amplas e se estendeu num âmbito tão vasto” como nunca antes visto (*Ut Unum Sint*, n. 41). O mesmo papa reconhece também como *frutos do diálogo*: a fraternidade reencontrada pelo reconhecimento do único Batismo e pela exigência de que Deus seja glorificado na sua obra; a solidariedade no serviço à humanidade; convergências na Palavra de Deus e no culto divino; o apreço mútuo dos bens nas diferentes tradições eclesiais; o reconhecimento de que *aquilo que une é mais forte do que o que divide* (cf. *UUS*, n. 20, 41-49).

Esses frutos permitem elencar cinco aspectos de crescimento nas relações ecumênicas:

- 1) Nas relações dos dirigentes das Igrejas existe a localização de pontos de encontro e mútua procura de avizinhamento e diálogo.
- 2) No nível teológico-doutrinal chegou-se a importantes convergências e consensos sobre vários elementos da fé cristã e eclesial.
- 3) Nas comunidades dos fiéis cresce o convívio entre cristãos de diferentes confissões, vencendo-se preconceitos e hostilidades.
- 4) No campo pastoral a cooperação ecumênica é realidade em muitos ambientes.
- 5) Cresce a sensibilidade ecumênica na espiritualidade.

Mas há muito que caminhar ainda para se chegar à unidade almejada. E os sinais de recuo são visíveis. Verifica-se, em nossos dias, pouca disponibilidade ao diálogo, sobretudo no amplo contexto das comunidades pentecostais, em

alguns setores do Protestantismo histórico e nos movimentos eclesiais católicos romanos. A tendência é o recentramento identitário das Igrejas, provocado, por um lado, pelo contexto plural que exige uma redefinição do seu ser e agir; por outro lado, por tensões internas que tendem a fragilizar as convicções ecumênicas. Aumenta a tensão entre o espírito de abertura e diálogo e a necessidade de salvaguardar a própria identidade. Nesse contexto emergem documentos eclesiásticos que apresentam posições dúbias quanto ao engajamento ecumênico das Igrejas. No geral, tais documentos não contemplam os progressos já alcançados pelos trabalhos das Comissões de Diálogo compostas pelas próprias Igrejas. O tom e o estilo de alguns fazem ressurgir o espírito de polémica e animosidades que pareciam superadas entre as comunidades cristãs.

Em função disso, em alguns ambientes os fiéis sentem-se obrigados a caminhar de um jeito próprio, por vezes distanciando-se das orientações oficiais. E as estruturas eclesiais tendem a voltar-se para si mesmas, sentindo-se ameaçadas pelo dinamismo das iniciativas ecumênicas populares. Mesmo que as lideranças ainda se mostrem, no ideal, convictas em seus princípios ecumênicos, o mesmo não acontece na prática. A consequência é que as convicções ecumênicas apresentadas nos documentos e nos pronunciamentos oficiais não se articulam com a vida concreta das comunidades dos fiéis.

Assim, há um desencontro entre ecumenismo e Igreja, como se fossem realidades separadas ou que se tocam apenas superficialmente. Isso se manifesta por uma setorização do compromisso ecumênico, quase exclusivo, aos ambientes oficialmente vinculados às relações intereclesiais e não na comunidade eclesial como um todo; na carência de estruturas, de pessoas e de recursos destinados ao trabalho ecumênico; na pouca formação teológica e pastoral que priorize o diálogo como o jeito de ser e de agir da Igreja.

Acresce-se a esses desafios a realidade social de divisão e a pluralidade do campo religioso; a intensa prática do proselitismo, o fundamentalismo e o conservadorismo; a perda de sentido da pertença eclesial; a privatização da prática de

fé dos cristãos; o trânsito dos cristãos de uma confissão para outra em busca de uma experiência religiosa satisfatória; o hibridismo dos símbolos religiosos.

Enfim, o *status quaestionis* da divisão dos cristãos se configura atualmente em seis principais horizontes:

- 1) *Teologia* – As Igrejas estão divididas na interpretação dos elementos que constituem a natureza e o conteúdo da fé cristã, como a doutrina da graça, os sacramentos, a natureza da Igreja e os ministérios, entre outros.
- 2) *Estruturas eclesiais* – As Igrejas divergem tanto sobre os elementos estruturais da Igreja quanto sobre a compreensão teológica que se tem deles.
- 3) *Espiritualidade* – A compreensão da fé e a vida eclesial são alimentadas por espiritualidades diferentes no interior de cada tradição eclesial. Esse fato – que poderia ser apenas manifestação da diversidade da atuação do Espírito – num contexto de divisão manifesta tensões e o distanciamento de uma tradição eclesial em relação às outras.
- 4) *Pastoral* – As divergências nos tópicos anteriores leva as Igrejas a se dividirem quanto ao conteúdo e ao método da evangelização.
- 5) *Ética* – Existem também divisões no horizonte da ética e dos costumes, na sua origem, expressão e fundamentação teológica.
- 6) *Questões sociopolíticas* – Não há consenso entre as Igrejas na compreensão da sociedade e no modo de situar-se nos conflitos que nela ocorrem.

Por essas razões, entre outras, a situação atual poderia ser caracterizada pelo seguinte impasse: ou se refaz a opção pelo ecumenismo assumindo o diálogo de modo consequente, ou declara-se a deserção e, assim, deslegitima-se o Vaticano II para os católicos, o Conselho Mundial das Igrejas para as Igrejas que o integram, e as demais organizações e iniciativas ecumênicas realizadas até hoje. Parece que por falta dessa opção escolhe-se uma terceira via: estar no caminho ecumênico sem caminhar ecumenicamente. Isso significa fazer com que o ecumenismo não tenha incidência prática no

cotidiano da Igreja, o que explica a dificuldade da *receptatio* dos resultados dos diálogos até aqui realizados. Esse impasse tem outra causa: por mais contraditório que seja, parece que os passos letárgicos da Igreja nos caminhos ecumênicos se devem exatamente aos avanços do ecumenismo. Assumir estruturalmente os resultados do diálogo, as convergências e os consensos alcançados em muitos elementos da fé cristã exigiria mudanças que as Igrejas não manifestam disposição para fazer. Talvez seja essa a principal razão do chamado *inverno ecumênico* atual. Essa situação posterga a realização do ideal da unidade e confirma o *statu quo* de distanciamento entre as Igrejas, não obstante a experiência de diálogo e cooperação, de convergências e consensos realizados.

Por onde ir?

Não existem receitas prontas para a superação desses desafios. Mas para enfrentá-los é necessário compreender que o contexto religioso plural exige um diálogo que seja *universal*, do qual ninguém está excluído; *diferenciado*, respeitando as peculiaridades de cada parceiro; e *reciprocamente aberto*, no sentido que ecumenismo não se faz por via de mão única. Para colocar-se nesse diálogo, a Igreja precisa libertar-se, com pobreza evangélica, de cada superestrutura autoritária e de poder, sentando-se à mesa em igualdade de condições, como atitude de profecia ecumênica.

Em termos práticos, isso implica o fortalecimento das iniciativas ecumênicas em algumas principais direções: *no cotidiano dos éis*, onde já existe uma prática espontânea de aproximação na vida do povo cristão, sobretudo nos meios onde se promove a dignidade humana, a justiça e a paz; na consolidação das *iniciativas institucionais*, como os setores de ecumenismo das Igrejas e as Comissões Bilaterais de diálogo; na *formação ecumênica* das comunidades, principalmente dos seus agentes; na *participação concreta* nas iniciativas ecumênicas locais.

Isso possibilita intensificar os esforços ecumênicos da Igreja universal e local em várias direções, estreitando o diálogo

entre as lideranças eclesiais e os organismos ecumênicos, entre o caminho teológico-doutrinal e o pastoral, entre a busca da unidade na fé e os esforços pela promoção humana. O Concílio Vaticano II orienta e exige da Igreja que dê passos firmes nas trilhas ecumênicas, fortalecendo o compromisso com a unidade dos cristãos a partir do desenvolvimento de capacidades novas para se relacionar, estabelecer compromissos, construir consensos, coordenar ações e partilhar recursos sobre bases organizacionais, administrativas e operativas explícitas e transparentes. Isso exige renovar e revigorar a participação no movimento ecumênico, de modo a tornar compatíveis criativamente tanto a necessidade de estruturação e funcionamento quanto a capacidade de inovação e mudança. Somente assim pode-se chegar a novos consensos, entendidos como processos que demandam abertura, flexibilidade, constância e disposição para escutar e se colocar no lugar do outro. Para isso é preciso abertura e sensibilidade para as importantes mudanças que se produzem no âmbito das Igrejas e do movimento ecumênico. Exige-se, ainda, que a Igreja e os organismos a ela vinculados realizem um esforço decidido por explicitar as convicções teológicas que fundamentam o compromisso ecumênico. Há uma prática a ser definida que seja simultaneamente eclesial e ecumênica, criando, assim, uma visão ecumênica, como princípio de vida, radicada na vivência comunitária da fé.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Em nossas paróquias há espaço para iniciativas ecumênicas que ajudem os cristãos católicos a uma melhor compreensão das propostas do Concílio?
2. Em que medida as paróquias e dioceses católicas estão, efetivamente, comprometidas com a eclesiolgia do Vaticano II?
3. No atual contexto do pluralismo religioso, como viver a Igreja do diálogo que o Vaticano II propõe?